

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO E ARTES (LP4)

ROSENARA DA SILVA SOARES MAIA

**ARTEGRAFAR UMA DOCÊNCIA - Granulações em
espaços docentes e discentes**

Santa Maria, RS

2019

Maia, Rosenara
ARTEGRAFAR UMA DOCÊNCIA- Granulações em espaços
docentes e discentes / Rosenara Maia.- 2019.
144 p.; 30 cm

Orientadora: Marilda Oliveira de Oliveira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2019

1. Educação e artes 2. Docência 3. Menor 4. Artegrafar
5. Granulações I. Oliveira de Oliveira, Marilda II.
Título.

Rosenara da Silva Soares Maia

**ARTEGRAFAR UMA DOCÊNCIA - Granulações em espaços
docentes e discentes**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
do Programa de Pós-Graduação em Educação, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito para a obtenção do título de
Mestra em Educação.

Orientadora: Professora Dra. Marilda Oliveira de Oliveira

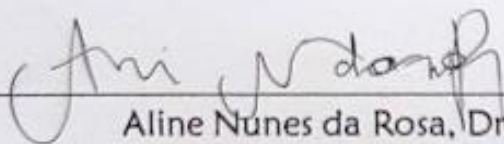
**Santa Maria, RS
2019**

Rosenara da Silva Soares Maia

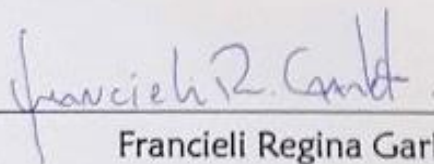
ARTEGRAFAR UMA DOCÊNCIA - Granulações em espaços
docentes e discentes



Marilda Oliveira de Oliveira, Dra. (UFSM)
(Presidente/orientadora)



Aline Nunes da Rosa, Dra. (UFRGS)



Francieli Regina Garlet, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

Agradecimentos

Inicialmente agradeço ao astral que me concedeu energia e força para cumprir com aquilo que me propus neste percurso.

Agradeço aos meus amores pela paciência, carinho e cuidado nos infinitos momentos de fragilidade.

Logo após, quero dizer que cada um dos amigos/as, professores/as e colegas que fizeram parte deste percurso continuarão em meu coração, os carregarei comigo entre as memórias mais latentes deste percurso... Meu carinho especial pela partilha intensa com meu grupo de orientação e minha orientadora.

Minha gratidão aos membros da banca que acolheram nosso convite e me provocaram pensar a pesquisa.

Agradeço à Capes pelo financiamento parcial da pesquisa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO E ARTES (LP4)

Resumo

ARTEGRAFAR UMA DOCÊNCIA - Granulações em espaços docentes e discentes

Esta dissertação problematiza uma docência ao artegrafar encontros com a educação das artes visuais. Busca, nas filosofias da diferença, conceitos para movimentar a pesquisa com Gilles Deleuze (2010, 2013), Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011, 2016, 2017) e Silvio Gallo (2016). A problematização que articula a pesquisa é: O que pode uma pesquisa ao artegrafar encontros com a educação das artes visuais? Com intuito de capturar granulações que se produzem em meio aos espaços de atuação docente, discente e no cotidiano, busca-se operar com o método da artegrafia, que inscreve com arte as recolhas dos trânsitos da pesquisadora/professora. Como resultados, apresentam-se um mover-se docente-artegrafeira por entre as escritas de uma pesquisa de dissertação, entre textos de filosofia, arte, escola e imagens que disparam a pensar uma docência.

Palavras-chave: Educação e artes. Docência. Menor. Artegrafar. Granulações.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO E ARTES (LP4)

Abstract

ARTEGRAF A TEACHER - Granulations in teaching and student spaces

This master thesis problematizes a teaching experience by artographing encounters with the education of visual arts. It seeks in the philosophies of difference concepts to trigger the research with Gilles Deleuze (2010; 2013), Gilles Deleuze and Félix Guattari (2011; 2016; 2017), and Silvio Gallo (2016). The problematization that articulates the research is: What can a research do when artographing encounters with education in visual arts? Aiming to capture the granulation produced in spaces for teacher and student action and the quotidian, the method of artography is operated and inscribes with art the collection of the teacher/researcher's transits. As a result, there is a teacher-artographer's movement in the writings of a master dissertation, among philosophy texts, art, school and images that trigger the thinking about teaching.

Keywords: Education and arts. Teaching. Minor. Artographing. Granulation.

Sumário

IntroduÇÃO: Rizomar Potencialidades	10
Composições com as escritas que me afetARam	40
Entre-LAÇAR teorias	55
ArteGrafAr	93
Educação Menor ... Uma docência	109
Compondo uma docência.....	113
Algumas Considerações.	130
REFERÊNCIAS.....	140
Filmografia.....	145

IntroduÇÃO: rizomar potencialidades

Ao propor esta pesquisa, fui afetada pelo que foi produzido no Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais - Licenciatura (UFSM), intitulado ‘Devir-criança: Encontros com a docência, experiência e aprendizagem (2016)’, momento em que pensei na formação/produção do sujeito professor(a), no sentido de desfazer-me daquele papel da docência que povoava minha compreensão primeira, vinculada ao senso comum. Tal interesse se alastrou ao propor rever meu olhar ainda voltado ao/a professor/a como o/a detentor/a do saber.

A docência inicial que mencionei se constrói com a compreensão de senso comum que compõe-se pela predominância no modo de pensar, são ideias totalizantes que denominam um significado enquanto verdadeiro, delimitando os sujeitos a determinadas ações e práticas. Portanto, tal ideia pré-determinada impele o/a professor/a a desenvolver suas práticas baseado/a nessas propostas do campo social.

Neste sentido, movimentei outras relações e experimentações com a docência e a educação em artes visuais, a fim de perceber latências nos espaços que estava inserida, tecendo um artegrafar que inscreveu uma docência preñe de criação coletiva, com paragens que impulsionaram experimentações entre docente e discentes. Os saberes compartilhados nesses espaços estilhaçavam sentidos e proposições por uma docência flexível, elástica que em alguns momentos rompeu com os modelos já existentes de verdades absolutas e propostas de uma educação pertencente a um padrão estático e delimitador de ações que integram o senso comum.

As latências percebidas entre esses espaços, textos, conversas e imagens auxiliaram a compor e a justapor as materialidades da pesquisa que se propôs a pensar os conceitos de ‘formação menor’ (RIBETTO, 2011), a ‘educação menor’ (GALLO, 2016) e o ‘rizoma’ (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Os encontros com tais conceitos violentaram meu pensamento bem como expõe Deleuze, quando escreve que pensamos porque somos forçados. O autor nos diz:

“Há no mundo alguma coisa que força a pensar. Este algo é o objeto de um encontro fundamental e não de uma reconhecimento” (2006, p. 203).

Assim, alguns encontros foram ocorrendo neste percurso da investigação no qual as materialidades foram acolhidas, tornando-se disparadoras de outros sentidos em relação a docência. Deste modo, compus arranjos para esta conversação que impulsionou o pensamento a transbordar, arrastando-o para outras vias de experimentações.

Estes encontros tratam daquilo que Deleuze comenta no Abecedário produzido a partir de uma entrevista à Claire Parnet,

[...] não se tem encontros com pessoas, e sim com coisas, com obras: encontro um quadro, encontro uma ária de música, uma música, assim entendo o que quer dizer um encontro [...] quando vou ver uma exposição, estou a espreita, em busca de um quadro que me toque, de um quadro que me comova[...] (DELEUZE; PARNET, 1988-1989, p. 11-12).

O exercício de estar à espreita foi movimento necessário para que o estudo pudesse acontecer. As

materialidades despontaram nesses encontros, nos trânsitos entre exposições, escolas, universidade, diálogos e leituras. As danças realizadas junto às imagens, aos fragmentos de textos e aos diálogos recolhidos formaram aliança e compuseram a materialidade da pesquisa.

Este aparato foi sendo recolhido durante esses movimentos, produzindo junto aos/as autores/as, aos diálogos e falas, imagens que iam sendo compostas, recortadas, sobrepostas, justapostas, criando elos entre docência, arte e educação.

Durante as andanças desta *artedocentepesquisante* houve o encontro com João do Rio: foi um momento de respiro intenso, daqueles cuja paragem se prolonga sem ser percebida, as conversas se estabeleceram entre suas escritas e as possibilidades criadoras da docência... O ar se expandiu e tomou conta da escrita, balbuciando sons que produziam palavras que pairavam leves como as penas dos sabiás que viviam nas redondezas dos vales em que os ciganos citados em seus contos se aboletavam.

João, que nem sempre era João, havia dias

que ele era João Barreto, noutros Claude, Caran d'Ache, Joe, José Antônio José.

Era um escritor, teatrólogo, pai, esposo, gente do Rio de Janeiro que conhecia as minoridades dos espaços marginalizados, filho de educador, que brincava com palavras. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, exímio jornalista e cronista, reconhecido como criador da crônica social moderna. Este sujeito que atravessou o percurso da investigação com seus escritos fez o ar vibrar em meio as linhas e ideias que se compuseram o texto.

Nesses trânsitos surgiram tentativas de compor e perceber outras possibilidades de docência em artes visuais. Possibilidades que propusessem uma certa desconstrução nas ideias da docência como saber centralizado na figura do/da professor/a, convocando interlocução com os cotidianos dos/das estudantes, auxiliando na tentativa de descentralizar a arte exclusivamente erudita e acadêmica. E o movimento foi se dando ao traçar linhas tensionadoras com artistas de rua, das galerias das cidades interioranas, dos/das jovens artistas

que interpelam as políticas do privado e do público.

A pesquisa articulou-se com as filosofias da diferença, com um viés de processo contínuo de aprendizagem, provocou outras formas de estar docente, desvencilhando-se dos papéis docentes estereotipados. Abordei assim, a educação enquanto criação, considerando a educação menor no sentido de produzir movimentos, que fulguem pensamentos.

Esta educação menor operada neste estudo se refere às ações do/da docente em meio a regras e normas institucionalizadas, diz respeito à singularização dos processos educativos, aos movimentos de ruptura nas formas identitárias de sujeitos escolares e docências pré-fixadas. De tal modo, apropriei-me de outros espaços e de experiências que pudessem afetar e arrastar a docência em arte. A problematização que articulou esta pesquisa foi:

**O que pode uma pesquisa ao artografar encontros
com a educação das artes visuais?**

Cada uma das imagens que compõe esta dissertação são propostas e compostas pelo artegrafar, enquanto uma docência *artegrafeira, artegrafadora, artecaptadora ou arteagrimensadora* de grafias do cotidiano docente e discente.

As imagens estão junto aos fragmentos de textos e do diário visual/textual produzido na pesquisa. A relevância em expô-las enquanto tensionadoras desta escrita é premente, são imagens que se desconectam do caráter representativo. Cada imagem, poema, fragmento de diário ou de texto são interlocutoras das ideias e pensamentos acerca da docência em artes visuais. Tais imagens não intentam dizer algo, mas propõem uma parceria com o/a leitor/a para que possam, talvez, produzir sentidos e saberes.

Como são produzidas as imagens
desta pesquisa?

Há um modo peculiar em suas produções, não são elencadas por um único critério. A cada percurso atravessado carreguei um celular com o qual gravei ideias, fiz fotografias de coisas que me afetavam. Escrevia em forma de mensagens e enviava a um espaço que em outro momento acessava. Este material era utilizado para criar novas composições que me auxiliavam e me impeliam a operar a docência, suas variações e principalmente sua produção incessante.

Como foram compostas?

Não houve um ritual específico com passo a passo: o que exercitei foram modos flexíveis e desconectáveis de composições de imagens que viessem a se desprender da representação, que trouxessem relações que pudessem impelir o pensamento acerca da docência. As produções são experimentações artesanais que compõem imagens a partir de impressões dos registros fotográficos dos espaços circulados. Tratou-se de recortes, de escritas, de pinturas, de colagens, de rasgaduras e

manipulações que produziram escritas artísticas, foram atos de escrever com arte, de criação de/com arte em meio à pesquisa, à docência e à existência.

A partir de algumas intervenções, criei novas imagens, a fim de potencializar minhas invenções docentes pesquisantes arteiras.

Busquei recolher dos/nos percursos docentes e discentes, palavras, frases, poemas, textos, imagens para inventar um **ArteGrafaAr.**

trata-se de um método ensaístico. Relaciona-se a compor mapas que dispararam o pensamento ao propor arranjos, composições de conceitos, imagens, experimentações em

um rizomar incessante.

Os elementos recolhidos compuseram parte dos percursos que tracei, imagens de experiências com os/as estudantes, de exposições que visitei, fragmentos dos textos, falas que me afetaram e imagens de meu diário visual produzido junto às disciplinas de Docência Orientada I e Produção do Conhecimento no Ensino de Artes do Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, ambas no segundo semestre de 2017. Tais elementos foram justapostos, costurados, aventurando possibilidades de criações em meio à investigação.

O diário visual/textual (CARDONETTI, OLIVEIRA, 2015), tomou força ao ser produzido na relação estreita com o artegrafar - momento de produção em que há uma parada- um pouso provisório que diz respeito ao olhar para o processo, reorganizar, rever, criar outras relações com as experiências. Entende-se por diário visual e/ou textual “um espaço narrativo dos pensamentos expressando em versões textuais e/ou visuais as impressões

das intervenções realizadas no espaço educativo” (CARDONETTI; OLIVEIRA, 2015, p. 55). Para a produção deste diário escolhe-se uma materialidade (fotografias, cadernos, pinturas, esculturas, vídeos, performance, mesa, cadeira, porta, garrafas e etc.). Este elemento conta daquilo que afetou cada um, onde se apresentam ideias, conceitos, imagens e dilemas que fizeram parte do processo, sua produção se dá em forma de fragmentos e sem a linearidade cronológica dos acontecimentos.

O propósito desta experimentação que compõe o diário visual e/ou textual trata de potencializar esses entrelaçamentos, pensando as articulações dos espaços educativos e acadêmicos. Esse enlace que se constituiu, conectou-se com a ideia de paragem transitória do artegrafar o qual propõe olhar com atenção as paisagens existentes nos trânsitos da pesquisadora.

Ao retomar uma passagem da introdução do livro Mil Platôs V. 1, em que Deleuze e Guattari afirmam,

O pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada. O que se chama equivocadamente de 'dendritos' não assegura uma conexão dos neurônios num tecido contínuo. A descontinuidade das células, o papel dos axônios, o funcionamento das sinapses, a existência de microfendas sinápticas, o salto de cada mensagem por cima destas fendas fazem do cérebro uma multiplicidade que, no seu plano de consistência ou em sua articulação, banha todo um sistema, probabilístico incerto, *uncertain nervous system* (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 34).

Percebi a potencialidade de pensar esse movimento de pesquisa junto ao rizoma, porque houve uma conexão deste conceito com algumas mobilizações, no sentido de se distanciar de respostas fixas e fechadas que vão a um único ponto. O rizoma potencializa a articulação e a atenção às alianças, visto que é oposto a estruturas biunívocas, não conecta-se com ligações entre pontos, posições determináveis e fixáveis. Portanto, esse imbricamento coloca em jogo as significações e os decalques concebendo uma experimentação que atenta ao processo enquanto latência.

Movimentar docências, pensá-las com as produções literárias, imagéticas, musicais que perpassem os espaços habitados e percorridos.

Convido Deleuze para esses diálogos, mesmo que este não tenha escrito especificamente sobre educação, seus textos potencializam as questões que são relevantes em meio à pesquisa, assim como modo de exercitar a vida. Ao propor as problematizações acerca de espaços, tempos, verdades, o filósofo engendra pequenos modos de tessituras entre conceitos que rompem e se alargam, propiciando invenções e criações naqueles que se movimentam e intentam operar com suas ideias.

As imagens que se apresentam na composição deste rizoma são capturadas pelos afetos que dispararam. Esses elementos são recolhidos do mundo, no viés de uma investigação que se compõe com a produção de uma vida, no sentido rizomático que emaranha os acontecimentos do cotidiano. Segundo Deleuze (2013, p. 78), “Os fragmentos são grãos, ‘granulações’. Selecionar os casos singulares e as cenas menores é mais importante que qualquer consideração de conjunto”.

Tais granulações se deram quando houve

criação, momento em que foi possível extrair das frases e das imagens algo ainda não pensado.

Criei junto a Oliveira (2015), relações das granulações com os clarões, que poderiam aproximar-se desta escrita que produz clarões em meio a pesquisa.

A autora menciona,

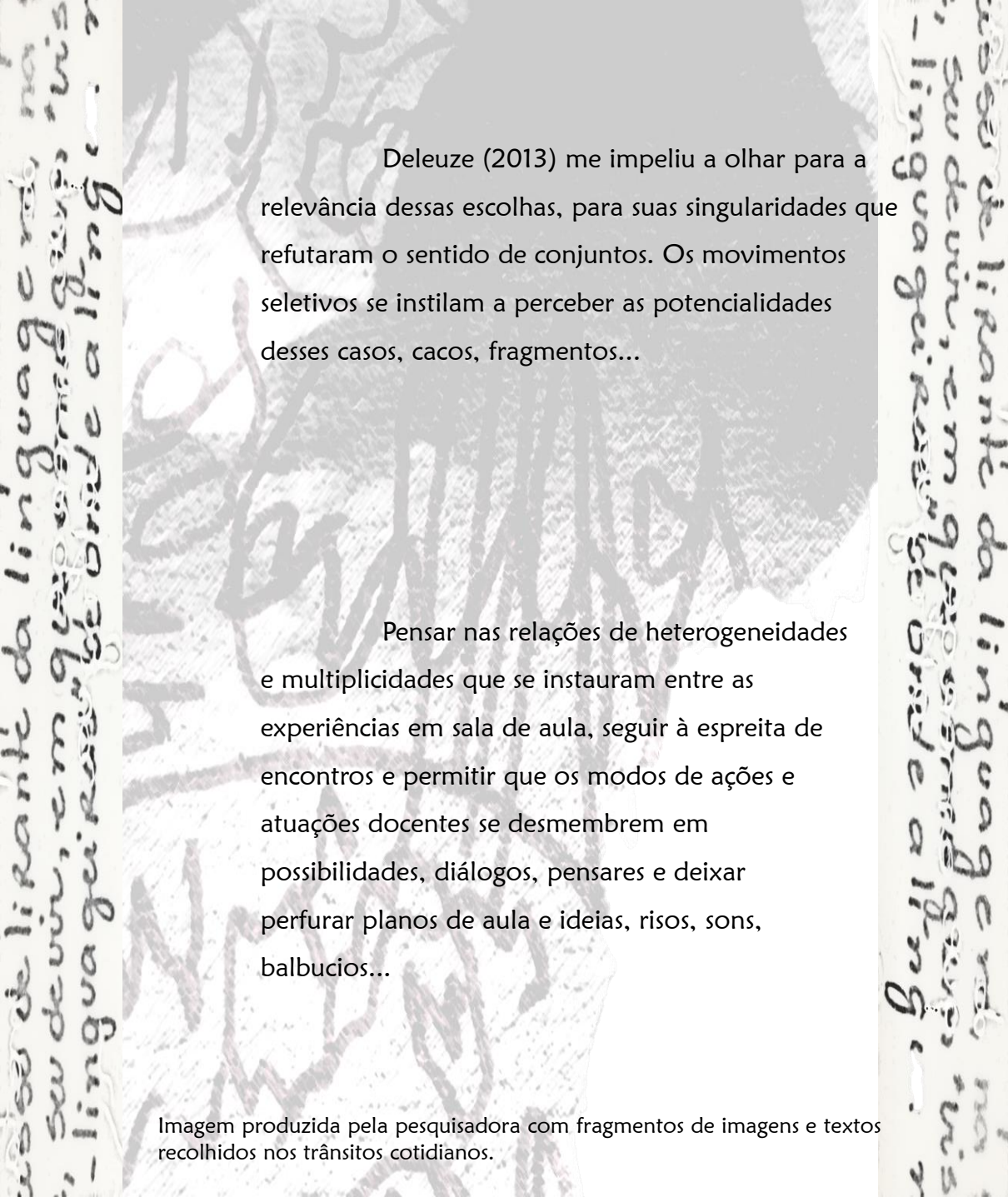
Quando Deleuze escreveu sobre 'produzir clarões' certamente ele não se referia ao ato de clarear, iluminar alguma coisa, dar luz a algo e sim sobre a possibilidade de juntar coisas que pudessem produzir chispas, tensões, fricções. Produzir liga e desta forma, produzir clarão (OLIVEIRA, 2015, p. 05).

O clarão que está inferido trata de uma certa singularização na escrita, cria uma fissura na homogeneidade de uma investigação. Construir uma escrita por fragmentos, escrita que compõe-se por rasgos de experimentações, que possam produzir grânulos em meio ao texto.

Criar, respirar, deixar o ar presente entre essas linhas, friccionar, tensionar, fazer existir um uso menor da escrita, da língua, da pesquisa... Barthes escreve que o grão da escritura se faz ouvir,

para isso é necessário que se façam frescas, flexíveis, granulosas para impelir os sentidos, pois “isso granula, isso acaricia, isso raspa, isso corta: isso frui” (2015, p. 78). Essas granulações acontecem quando o pensamento sai da sua naturalização, quando somos capazes de produzir criação em meio às imagens e às escritas.

Ao escrever esta dissertação pensei muito na relação com o ar, essas letrinhas que estavam muito presentes nas palavras que iam sendo desenhadas e convocadas para delinear o estudo. Esse ar se fez presente em todo o processo de investigação, estava circulando em todos os espaços, e com ele fui compreendendo as relações imprescindíveis entre o ar e as paragens que me eram tão caras. O estar à espreita incitava esse respiro, essa parada, que tomava lugar em muitos momentos. Eles propiciaram vazios que poderiam convocar os atravessamentos, as interferências, as aberturas que podem convidar aquele que lê a produzir junto.

The background is a complex collage. It features several vertical strips of handwritten text in various colors (black, blue, red) on the left and right sides. The central area is filled with a dense, overlapping pattern of abstract, scribbled lines in shades of grey and brown, creating a textured, layered effect.

Deleuze (2013) me impeliu a olhar para a relevância dessas escolhas, para suas singularidades que refutaram o sentido de conjuntos. Os movimentos seletivos se instilam a perceber as potencialidades desses casos, cacos, fragmentos...

Pensar nas relações de heterogeneidades e multiplicidades que se instauram entre as experiências em sala de aula, seguir à espreita de encontros e permitir que os modos de ações e atuações docentes se desmembrem em possibilidades, diálogos, pensares e deixar perfurar planos de aula e ideias, risos, sons, balbucios...

Imagem produzida pela pesquisadora com fragmentos de imagens e textos recolhidos nos trânsitos cotidianos.

Penso no poema lido em classe por um estudante, no diálogo com uma turma acerca de minhas experiências docentes, o grafite que se espraia nos muros de entrada da escola, nas pichações do caminho e nas exposições de arte. Tais diálogos impeliram uma atividade sobre as letras usadas em pichações em nossa cidade e os símbolos usados por alguns grupos que dominam diferentes espaços e bairros.

(fragmento do diário visual/textual da pesquisadora)

Foram produções que provocaram articular as relações da arte com a vida cotidiana sobre as relações que se inscrevem nos modos de falar, vestir e escrever de cada sujeito. Nestes momentos, alguns alinhavos foram feitos acerca das organizações sociais e culturais nas quais estamos envolvidos/as, em que a arte se infiltra e toma força nas vozes, desenhos e grafias, sobrevivendo junto aos sujeitos nos diferentes territórios. Vias de operações de uma educação, que entrecruzada à ideia de rizoma ganha velocidade e intensidade junto aos movimentos experimentados.

Controlar... ~~Contro~~**LAR**, desfazer do controle
o lar.

Ensur**DECER**... Descer a hierarquia do
saber.

CLAMAR... Amar as formas existentes
e se desprender delas enquanto ‘santas’.

SANTAs... Que auxiliam a estagnar o
pensar, o criar, o verter...

Salv**AÇÕES**... Ações incessantes,
moventes que inserem-se em meio aos
sujeitos.

(fragmento de texto do diário visual/textual da pesquisadora)



Imagem produzida pela pesquisadora com fragmentos de imagens e textos recolhidos nos trânsitos cotidianos, 2019.

*O **ar** que se desfruta sem sentir, sem alertar a percepção dos pulmões, da pele e de todos os demais órgãos...*

*O **ar** palavra pequenina que dá sentido a existência, ao respiro, à vida.*

*Sem o **ar** a docente, a dor, os pés, a pesquisadora perdem seus sentidos, perdem a vitalidade.*

As palavras, formas, gestos não têm medida, são disparadas ou capturadas por entre as linhas que constituem os encontros.

*Sem **ar**, sem esperança... A dor espraia avançando, fecha oportunidades e sucumbem à pesquisa a fadada escassez de vida.*

(fragmento do diário visual/textual da pesquisadora)

Rizomar?

Riiiiiii Zo marrr... Aarr

Rizomar?

Riiiiiii Zo marrr ... Aarr

Rizomar?

Riiii Zo marrr....Aaaarr

(fragmento do diário visual/textual da pesquisadora)

Segundo Alexandro Sgobin (2013, p. 252) esse rizomar se apresenta como “o surgimento do inusitado, do caos, do inesperado, do subversivo que germine! -, na fertilidade certa do pensamento-grama”. Em outras vezes ele veste-se de mar, de flor, de menino, de sapo em dia de chuva. Como sapo sai a coaxar por entre as linhas de um trem que estava a ser rascunhado no muro de uma escola. Entre uma linha e outra, esse texto abraçou, enlaçou, puxou e apresentou alianças entre a arte e a docência.

Rizomar Riso MAR

Mar imensidão, sensações de
estranheza percorrem o pensamento.

MAR... AMAR... Marear?!

Rizo (mar)²

Riso (mar)

Sorrir para o mar ?!

Ou como diz meu sobrinho ‘risar’...

Sorrir para o desconhecido ‘mar de mil
caminhos’ (HARA, 2012).

Texto recebido de uma colega de grupo de orientação, durante um encontro de orientação coletiva, 2018.

A escrita anterior foi composta por um fragmento que faz parte de um parecer contributivo recebido de uma colega do grupo de orientação coletiva¹. Acolhi-o por ter me afetado o modo de deslocamento escolhido por ela para romper com os significados das palavras, e ainda pela relação que criou com algumas recolhas dela em meio a seu cotidiano familiar.

Brincar**ar** com as recolhas e invenç**ar** escritas que permeiam os espaços e as conversas. Danç**ar** com a pesquisa, desvios por entre linhas de afetos e sentidos, sem significantes constitutivos de performances docentes, em meio a macropolítica (GALLO, 2016) que regula os espaços e as ações. A macropolítica enreda-se ao consenso, às convenções cristalizadas de totalizações binárias que produzem ações impositivas.

1. Grupo de mestrandos e doutorandos que participam de encontros semanais sob a orientação da professora orientadora desta pesquisa.

Os exercícios e interlocuções acerca das recolhidas que compõem as materialidades da pesquisa foram ideias de uma exposição coletiva realizada por estudantes, que propôs pensar a figura do/da negro/a na história da arte, ou uma conversa sobre a história do surgimento da tatuagem, ou ainda sobre um conto do escritor **João do Rio**, presentificaram momentos de enlaces e desvios de uma docência.

Nessas experimentações com tais conversações, a invenção pode vazar à macropolítica e justapor possibilidades operativas com a micropolítica, na ordem molecular², dos devires³, que é operada pelos agenciamentos que compõem-se transversalmente. O exercício de olhar para as crônicas de João do Rio, envolve uma posição acerca dos enunciados e agenciamentos que são produzidos no e com o texto.

Segundo Guattari e Rolnik, o agenciamento é uma noção mais ampla do que as estruturas e sistemas, pois são “[...] componentes heterogêneos, tanto de ordem

2. “[...] somos feitos de linhas, e tais linhas são de natureza bem diversa [...]. Ao mesmo tempo, temos linhas de segmentariedade bem mais flexíveis, de certa maneira moleculares. Elas traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos: não são, entretanto, menos precisas; elas dirigem até mesmo processos irreversíveis” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 101).

3. Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. “[...] assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos. As núpcias são sempre contra natureza. As núpcias são o contrário de um casal. Já não há máquinas binárias: questão-resposta, masculino-feminino, homem-animal, etc” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 3).

biológica, quanto social maquina [...]” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 381). Essa ação que perpassa transversalmente as diferentes camadas, cortando e conectando distintas forças, sem cumprir um percurso predeterminado.

A criação se estabeleceu e potencializou-se entre esses atravessamentos, provocando interesse pela possibilidade de inventividade disparada.

O modo que justapõe as imagens, os fragmentos e as interlocuções para **criar** a escrita e **pensar** uma docência, tem sido um **entrelaçar** de pequenos fios, que esbarram em possibilidades, percorrendo os espaços, aliando-se a novos elementos e potências na tentativa de **artefar**.

Gagueiras que em devir impelem e pululam ideias, que retomam percursos e mobilizam uma docência instaurada na macropolítica, com suas cristalizações e corporificações estagnadas.

Nesses percursos entre a escola, exposições e a universidade, recebi um fragmento de texto que me tocou, nele estava escrito sobre o povo da rua, pensei: como perceber o povo da rua?

Durante a procura pelo autor do fragmento me deparei com o pseudônimo de um jornalista, João do Rio. O escritor iniciou sua vida profissional com 16 anos, trabalhou durante a vida toda, foi contista, romancista, autor teatral (condição em que exerceu a Presidência da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), tradutor de Oscar Wilde e escreveu com letras e palavras rebuscadas sobre o povo da rua, do porto, das ruelas do Rio de Janeiro. Contou suas alegrias, suas mazelas, trouxe a existência de seus costumes, suas religiões, seus modos de vida.

Encantei-me com a forma de sua escrita, João Paulo Emílio Coelho Barreto se aninhou e seguiu a compor e justapor imagens, letras, palavras, ideias nesta pesquisa. Este escritor propiciou respiros, criando alianças com a arte e a docência. Em meio aos capítulos da dissertação ele

surge e insurge propondo saltos e parcerias para artegrafar possibilidades de uma docência que se desfigure do instituído.



Imagem produzida pela pesquisadora a partir de experimentações de escrita com imagens recolhidas dos trânsitos cotidianos, 2018.

Neste sentido, movimento o ensino de artes visuais relacionando às visualidades que me atravessam, que encontro nas exposições, nos muros, nos outdoors, nas redes sociais... Momentos de recolhas que intensificam apostar nas multiplicidades, nas possibilidades de criações junto aos estudantes, experimentando pontos expostos nos conteúdos programáticos que possam ser costurados a essas pequenas materialidades que movimentam a pesquisa.

Essas perambulações que costuram com pontos largos as experimentações de uma docência que se invenciona cotidianamente, que deixa vazar os diálogos acerca das discussões de um símbolo do uniforme, ou de cores expostas ao sol que se distorcem... São rachaduras que potencializam o meu pensar acerca da docência menor... Do menor que arrasta as fragmentações dos encontros.

(fragmento do diário visual/textual da pesquisadora)

Composições com as escritas que me afetaram

Esta dissertação busca operar a educação, a partir de varias instâncias, como a filosofia e a arte na tentativa de movimentar possibilidades de criações em meio a ensaios de um ‘artegrafar’ com fragmentos, palavras e imagens. Portanto, fez-se necessária uma pesquisa entre as produções teóricas que discutiram as questões e relações próximas aos conceitos que se desdobravam no desenvolvimento do trabalho. Escrever sobre o menor e seus entrelaçamentos se tornou relevante para o campo da educação, pois as problematizações referentes aos posicionamentos de professores/as frente à formação, ações ou movimentos, poderiam ser propostas que se enfatizariam no pensar ‘com’, distanciando-se do fazer ‘como’, tão presente nas ações educativas cotidianas.

Nesta busca, encontrei algumas dissertações e teses que abordaram o conceito de menor (DELEUZE;

GUATTARI, 2017) e educação menor (GALLO, 2016), com algumas variações como pedagogia menor e literatura menor. Durante esse período de procura e seleção dos textos e propostas, elenquei algumas confluências entre eles para que pudessem auxiliar minha compreensão de tais operações conceituais elegidas por suas autoras, articulando pontos divergentes para compor singularmente esta nova proposta.

O primeiro encontro ocorreu com a dissertação *Verter a educação em arte: Potências do conceito de pedagogia menor para o Ensino de Artes Visuais*, de Daniela da Cruz Schneider, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) do ano de 2013, no qual a pós-graduanda se propôs pensar acerca das potencialidades do conceito de pedagogia menor para o ensino de artes visuais, produzindo um desdobramento do conceito de educação menor, interrogando o campo do ensino e o contrastando com o modelo de uma educação maior vigente nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (PCN).

A problemática que moveu o texto foi: ‘Quais as potências do conceito de pedagogia menor para o Ensino de Artes Visuais?’ Alicerçou-se em fontes teóricas como Gilles Deleuze em conjunto com Félix Guattari (2017) e com Claire Parnet (1988-1989), e Silvio Gallo (2016). Inicialmente apresenta o desdobramento do conceito de educação menor de Gallo, explicitando sua elaboração a partir da obra de Deleuze e Guattari, Kafka: Por uma literatura menor (2017).

Nesse percurso a autora compôs um texto com algumas imagens de artistas e outras produzidas por ela junto a um grupo de estudantes. Utilizou alguns fragmentos de textos, perguntas que a mobilizaram durante a escrita e impulsionaram a tecer essas costuras entre as diferentes apropriações. Esse modo de tensionar a imagem e o texto, interessaram-me, pois foram desvios de representação, Schneider criou composições que disparam o pensamento acerca das possibilidades de invenção na e com a arte nas aulas de artes visuais.

Durante a escrita expôs sua percepção e operação com a pedagogia menor enquanto uma proposição, uma busca por sua potência, a fim de desdobrá-la no sentido de subverter seus atos para a arte e a educação.

Desta forma a autora criou um fio condutor que permitiu perceber o escopo elencado, o esforço da operação e o desdobramento conceitual. Inicialmente questionou o caráter instrumental da arte nos Parâmetros Curriculares Nacionais da área, designando-o enquanto concepção de educação maior, limitando-se a expressar a instrumentalização da arte na educação.

A questão da instrumentalização da arte por parte das políticas públicas, restringe as possibilidades da arte enquanto produtora de conhecimento, barrando alianças que podem impelir a criação e a produção de pensamento.

Na sequência apresentou o conceito de

literatura menor de Deleuze e Guattari (2017), o qual foi desdobrado por Gallo a fim de produzir a noção de educação menor. Seguindo sua proposição inicial de desenvolver os conceitos, Schneider (2013) apresenta outros quatro coeficientes criados por ela:

1. A pedagogia menor opera como máquina de guerra no território educacional;
2. A pedagogia menor é rizomática;
3. A pedagogia menor esboça-se sobre e através de uma micropolítica;
4. Um saber de experiência é um saber menor.

Em sua primeira proposição a autora discute e delinea a relação entre a máquina de guerra e o aparelho de estado, relaciona a primeira com a educação menor, elas se interconectam, há uma necessidade de existência entre elas. A máquina de guerra corta, intercepta e desconstrói tudo que se propõe maior, hegemônico, dominador, modelo como a macropolítica, a educação maior, a supereconomia. O aparelho de estado tenta

segurar as investidas da máquina de guerra, captando suas forças, ações, a fim de tomá-la com a intenção de aproveitar sua força enquanto forma maior.

O rizoma é pensado enquanto um seguimento, não como reprodução. Desta forma, ele se opõe a imagem da árvore, que ramifica-se ao solo ou ao espaço de modo hierarquizado. O pensamento para Deleuze e Guattari (2011) não é uma forma arborescente, pois rompe com o uno a fim de propor uma ramificação e ou espraiamento.

Nessa sequência, Schneider discorre sobre rizoma, entrelaçando-o com a pedagogia menor (GALLO, 2017), momentos em que explana sobre as conexões entre esses conceitos, pensando nas multiplicidades, nas ações cotidianas, nos micro movimentos de uma pedagogia rizomática. Propõe apostar nessas ações cotidianas enquanto atos de escuta, em disponibilidade, respeitando multiplicidades e heterogeneidades. Afirma que a cada novo ato, a cada movimento de produção de saberes, a experimentação procura abrir a educação para a

criação de mundos possíveis” (SCHNEIDER, 2013, p. 75). Logo, esse ensino da arte que inicialmente foi convidado a emaranhar-se na pesquisa a fim de dialogar com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs- Arte, compreendidos enquanto germinador de árvores, disparam o sentido rizomático da operação de uma pedagogia menor, proliferando linhas de fuga⁴ e possíveis invenções arteiras ou artistas docentes:

docentistas-docentistadores-docentistores

docentistadoressss
docentista- artescente- docentar ar ar ar

4. “não consistem jamais em fugir do mundo, mas antes em faze-lo fugir, como se e estoura um cano e não há sistema social que não fuja/escape por todas extremidades” (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 85).

Do estudo de Schneider (2013) anuncio uma de suas inquietações para mobilizar este alinhavo frouxo da tessitura entre suas indagações e divagações,

E esta é uma das problematizações que vem pairando sobre esta dissertação, o inapreensível no contato com a arte, aquilo que o mensurável e a objetividade não podem dar conta, de modo que não se pode saber o que ali se aprendeu (SCHNEIDER, 2013, p. 62).

Tomar o pensamento como movimento inapreensível, indagou sobre a ideia de uma pedagogia menor que não intenta afirmar saberes, instaurar formas e regras para essas captações de conhecimentos.

Pensei a docência em arte como uma operação para me desfazer de algumas certezas e afirmações instauradoras de verdades, artegrafei ideias, miudezas, imagens representacionais, desvios que pudessem expor as granulações que pululam nos espaços educativos em que estive.

Ao iniciar a busca pelo que foi produzido com o menor em educação, encontrei alguns textos que o mencionaram em seu título, porém, carregavam em seu corpo outros conceitos que operavam junto a educação em artes e a infância. O menor se apresentava em diferentes contextos, em meio as experiências dos espaços de atuação dos sujeitos pesquisadores. Abaixo, exponho alguns destes textos acadêmicos a partir de cujos fragmentos, percebi cintilâncias que se articulavam junto ao rizomar artegrafado nas linhas desta dissertação.

O segundo texto de dissertação que percebi como mobilizador para esta pesquisa tem por título *Poética do inutensílio e experiência: tramas de uma educação menor*, de Geceoní Fátima Cantéli Jochelavicius, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), do Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e prática e ensino. A autora tentou relacionar as possibilidades de contribuições da poética do artista curitibano Hélio Leites

compreendida como uma poética que se entrelaça com o menor – para se pensar a experiência (LARROSA, 2008; 2011) nas tramas de uma educação menor (GALLO, 2012; 2016), no contexto da educação básica.

Foram abordadas enquanto menor as produções do artista Leites, que se apropriava de objetos descartados e criava uma estética própria que nomeou como existencial. Para o desenvolvimento da pesquisa foi entrelaçado o processo criativo do artista junto à ecosofia de Félix Guattari, à educação menor e à experiência.

Algumas teorias ressoaram por mais tempo, momentos em que a autora se manteve em maior diálogo com esses autores e desdobrando seus conceitos. O intuito era perceber que possíveis contribuições a poética do artista, que foi compreendida como uma poética que envolve o menor, poderia articular com a experiência junto às tramas de uma educação menor. Em outros

Momentos, o texto segue uma narrativa fluida de suas andanças, de seus encontros com as leituras e com Leites, espaços tempos em que ela opera o menor com as produções e performances do artista. Aos poucos a autora trama as minorias que são invencionadas por ela e pelo artista com as relações conceituais de Deleuze, Guattari e Gallo.

Nas palavras de Jochelavicius,

A poética do inutensílio do multiartista Hélio Leites ressoa com o pensamento de Deleuze potencializando a relação entre experiências que me transformaram e o conceito de menor, onde os espaços de interação são micro, abertura de possibilidades (JOHELAVICIUS, 2016, p. 73).

Esse texto otimiza as relações de uma arte feita de restos, cacos, migalhas, fragmentos que materializam possibilidades de pensar outras coisas. Compreende-se a forma de existência de outros que com os restos se enleam para produzir existência em meio aos modelos majoritários de arte e de vida.

Tal como afirma Ribetto (2009, p. 22) “Cacos que podem ser reutilizados, recuperados para emergir como outra coisa”, que componham uma escrita desviante do já conhecido, já dito e já visto. Que pudesse encontrar potência para produzir menores, existência menor, docência menor.

Como os utensílios de Leites, que de restos se produzem outros, das miudezas que aos olhos de muitos passam despercebidas, em suas mãos recebem vida, outra existência se instaura naquele pequeno caco, pedacinho de nada que cria pensares e existires entre as multiplicidades.

A educação menor se interconecta com essa forma de existir, aguçando outras proposições em meio às salas de aula. Ao amparar ideias e conversas que perpassam zonas de controle, segue fluxos que potencializam os sujeitos a criar com as matérias e conteúdos determinados por parâmetros curriculares,

mas que ainda assim nos permitem alguns desvios.

O terceiro texto elencado mobilizou o pensamento na singularidade, articulando a educação menor junto a educação infantil, tendo como título '*O Devir-docência das Pessoas Grandes, Agenciado pelos Devires-Menores do Povo-Criança*'. A autora Juliana Paollielo, buscou nas filosofias da diferença conceitos que acionaram o pensamento e potencializaram os processos formativos docentes a partir de uma educação menor.

Compreendi que a intenção da investigação foi compor uma escrita que articulasse ideias-pensamentos que teceriam modos de existência docente a partir das enunciações menores do povo criança na educação infantil, de modo que esse apanhado pôde potencializar os processos da formação docente nos currículos.

Uma escrita que foi sendo pensada junto a imagens, textos, propostas de aulas já experienciadas, que se compôs de inúmeros elementos, propondo inventar

modos de estar na docência, que permitiu o encharcamento curioso de olhares, vozes, silêncios de crianças, que com os corpinhos ávidos de movimento e descobertas percorreram os espaços arquitetônicos de uma escola. Com vozes incansáveis ativaram o pensar docente em meio ao costumeiro, ambientando e rompendo as formas fechadas de aprendizagens.

Os textos que elenquei para me auxiliar a compor as ideias apresentadas nesta dissertação, envolveram-se com o menor que perambularam por entre a docência e a arte que me mobilizaram estar atenta, não somente à educação, à escola, à docência e formas de estar nos espaços educativos, mas sobretudo pensar à existência, nas normas e organizações de vidas com as quais nos envolvemos cotidianamente.

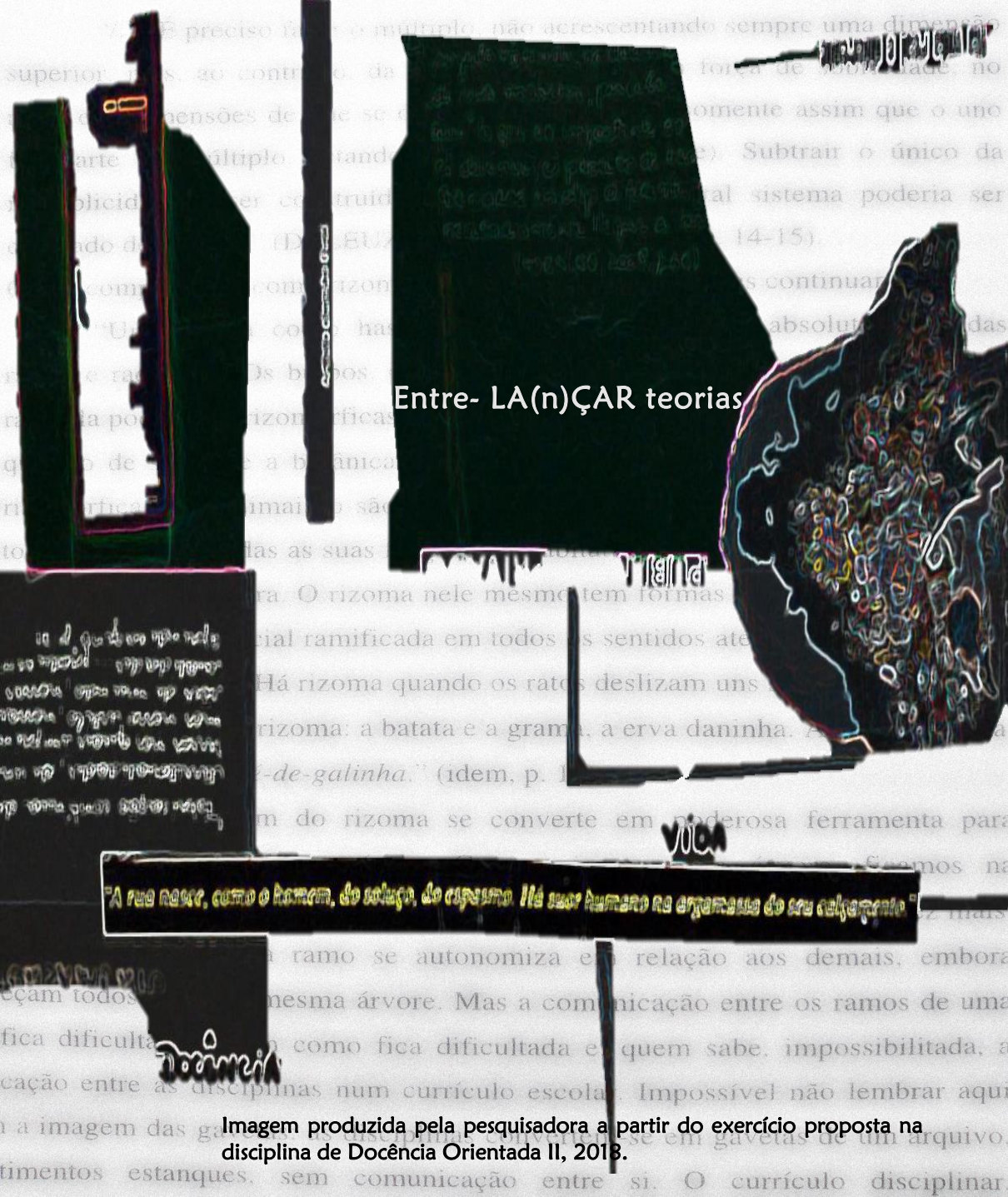
O ar que convoco como um ‘disparador-parador-impelidor’ trata dessa noção que me parece necessária ao pensamento e a existência. Mencionei o ar

enquanto esse respiro, essa paragem que esvazia,
possibilitando uma certa organização dos fluxos do
pensamento, ao aproximar essa noção ao que Roland
Barthes (2012) menciona

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper
com frequência a leitura, não por desinteresse, mas,
ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, (...)?
Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando
a cabeça? (BARTHES, 2012, p. 26).

Esse momento da leitura que exige uma
paragem, por estarmos cansados, excitados, emaranhados.
Deste modo esse gesto se produz para que consigamos
organizar as ideias... os fluxos.

Entre- LA(n)ÇAR teorias



"A rua nasce, como o homem, do solo, do capotudo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento."

Docência

Imagem produzida pela pesquisadora a partir do exercício proposta na disciplina de Docência Orientada II, 2013.

A escolha referente à abordagem teórica se fez por meu interesse pelo pós-estruturalismo e as filosofias da diferença. Este estudo realizou alianças com movimentações conceituais a partir de Deleuze (2010, 2013), Deleuze; Guattari (2011, 2016, 2017) e Gallo (2016).

O pós-estruturalismo dialoga com os interesses da pesquisa pelo modo que propõe uma descentralização de uma identidade fixa, que remete à representação. Da mesma forma a sistematização de ideias, métodos, teorias, visto que esse termo não abrange qualquer ideia de homogeneidade, identidade e/ou unidade. Peters se refere a ele enquanto “uma *complexa rede de pensamento* - que corporifica diferentes formas de prática crítica” (PETERS, 2000, p. 29). Assim, a proposta que tomou força para impulsionar esta dissertação, tramou suas potencialidades com as possibilidades e aberturas sugeridas por Deleuze e Guattari que questionam o cientificismo das ciências humanas numa descontinuidade e ruptura de suas estruturas.

As filosofias da diferença colocam em suspensão a fundamentação estruturalista da garantia, validade e estabilidade do sistema de pensamento. Tal movimento corporifica outras possibilidades baseadas na ruptura, na multiplicidade e na diferença.

Esse movimento teve seu início na França na década de 1960, no pós-guerra e manteve suas peculiaridades filosóficas produzindo diferenciações não dicotômicas em amplos campos temáticos, tais como sociologia, arte, história e literatura, produzindo outros possíveis em meio à vida. Ao envolver-se com uma investigação neste viés, há algumas proposições referentes ao sujeito pesquisador o qual torna-se um transgressor da regra que intenta colocar em causa o campo social, pois, para os estudos pós-estruturalistas, o processo de significação é da ordem da incerteza, do indeterminado e instável.

Uma pesquisa com as filosofias da diferença remete a problematizar questões coletivas que se

produzem no campo social, de tal forma que a diferença seja afirmada em suas relações, pensando o outro em si, enquanto singularidade.

Não existe o interesse em reduzir o outro a um igual, pois a diferença é tomada como diferença, sem um retorno ao mesmo. Há, nesse viés pós-estruturalista, o interesse pela heterogeneidade, multiplicidade, pluralidade e singularidade, procedimentos e interesses que se distanciam de outras formas de pesquisa que objetivam o pensamento universal, e que se propõem a um resultado final e aplicável no campo social. As pesquisas que adentram este escopo teórico desfiguram a ideia da narrativa cronológica, da ordem da linearidade compondo-se em relações de forças do campo de ação e atuação da pesquisa, nas inscrições e relações com a materialidade que engendrada aos conceitos estabelece linhas, criando proposições de saberes e sentidos que foram pensados em meio ao processo.

Pensa os modos de vida singulares como

potentes para a investigação, desta forma, a experiência singular de cada pesquisador/a adentra o escopo da produção do conhecimento. Sendo assim, compreendo que uma pesquisa que se compõe nesse viés, trata de uma escrita de vida.

Ao seguir nesta mesma relação, percebo que as aproximações com gostos particulares e produções de aulas entre singularidades de todos que habitam uma sala de aula e as produções dessas aulas por parte do/da professor/a pode se encontrar em uma zona de vizinhança, uma linha tênue.

Ao realizar essa aproximação, o andamento de uma aula pode adentrar em assuntos que não estão descritos no plano de uma aula, mas injetam desvios importantes, escapes. O cuidado se faz premente, porém deslizos ocorreram e com eles precisei lidar. Penso que tais desvios injetaram discussões acerca de temas polêmicos, uma dessas experiências se concretizou na proposição de assistirmos o documentário *Exit Through the Gift Shop*

sobre o artista *Banksy*.

Ao organizar as ideias e produzir o planejamento, a conversa seguiria um viés que pudéssemos articular as relações entre público e privado, abarcando as relações com a arte contemporânea, mais propriamente a *street art*. Contudo, as ideias de público e privado se alastraram e a polêmica se estabeleceu na sala. As tentativas de retomadas para pensarmos os demais artistas, as obras e as inscrições que enquanto grafites dissipavam-se.



Imagem produzida pela pesquisadora a partir de experimentações em sala de aula e com registros do espaço escolar, 2019.

A docência nesses fins de manhãs, tomou-me de forma lancinante, tal como um fardo que arrastava-me para a segurança da minha casa, uma fuga, um esconderijo que protegia e limitava, que não auxiliava a pensar proposições de desvios, não encontrava rachadura, não via brechas... Talvez por elas estarem concentradas debaixo dos meus pés, minhas habilidades se esgotaram e, para findar tal atividade, cesso a conversa e solicito uma escrita que relacionasse as discussões.

Esse olhar que se desloca ao movimentar o corpo físico, esse desvio, essa ruptura criada permite uma outra proposição, um distanciamento, um respiro... Momentos de paragem em que o pensamento estabelece outras conexões, uma conversa acerca do espaço público e da grafia. A grafia foi convocada para articular-se com as imagens capturadas nas imediações do espaço escolar, intervenções nas imagens e de tal modo impelir a discussão das relações das grafias criadas com aquelas que compunham o espaço.

Neste sentido o menor se presentifica em meio

a sala de aula, articulando as vozes dos sujeitos que se inscreveram no cenário da cidade, que demarcaram sua existência naquele espaço, que colocam sua força nesta macropolítica cotidiana propondo um diálogo com aquele que transita por entre essas vielas e ruas.

Este acontecimento me impele a retomar o texto de Deleuze e Guattari (2017) que tomam os escritos de Kafka como potência e propõem com ele uma literatura menor em seu livro *Kafka: Por uma literatura menor* (2017). Impele-me a pensar acerca do modo de vida dos sujeitos que partilham os espaços cotidianos da escola comigo.

Tais escolhas que foram realizadas, os vocabulários utilizados, os interesses pessoais e coletivos entrelaçavam seus modos de vida e de experimentação com a arte. Dessa forma, articulei esta literatura abordada por esses pensadores, conectando-as com as inquietações produzidas nesses espaços.

Refiro-me aos diferentes sentidos que se instauraram ao ouvir o relato de sujeitos que vêm ao espaço escolar em busca de liberdade, de um momento de respiro, descanso, ou obrigados por interesses mais básicos, como saciar a fome. Estas ações dispararam a operar novas articulações para o planejamento de uma aula, o maior dos desafios foi articular conteúdos da arte ao interesse desses sujeitos. Neste viés, organizei a produção de uma aula que contemplasse uma conversa aberta com a arte, propondo escritas e imagens que fossem recolhidas dos muros da escola.

Um exercício que se propôs a pensar não apenas o grafite e a pichação, mas todos os símbolos e grafias que se apresentavam naquele ambiente que lhes era comum. A busca por materiais que disparassem interlocuções, apresentações de outras possibilidades, como artistas que trabalham com essas abordagens e técnicas, que discutem relações de poder, de minorias e do espaço público e privado.

As interlocuções experimentadas e propostas produziam diversos sentidos, articulando o grafite ao

espaço majoritário de uma sociedade, diagnosticando uma arte marginalizada que se inseriu num panorama internacional que amplia a força da linha de ação, porém a padroniza, significando-a e enaltecendo essa homogeneização.

Contudo houve uma quebra nos discursos que imperavam nas salas de aula, os escritos dos muros e portas do espaço escolar estavam presentes entre as classes, compondo as grafias esboçadas no quadro branco. A pichação se corporifica como linguagem, se apresentam tentativas de interlocuções com as imagens e ideias de apropriação do espaço escolar enquanto poder e afirmação de existência.

A partir desses exercícios compreendo que nuances de um menor foram sendo operados, mobilizando pensamentos acerca do problema da expressão, no sentido de propor uma ação menor,

que trata daquilo que uma minoria faz em uma língua maior.

Ao fazer referência a uma literatura menor, produz-se um jogo conceitual complexo entre 'literatura menor' e uma 'literatura maior', entretanto, é importante assinalar que não se trata de um jogo dicotômico a partir de uma compreensão de oposição, mas na aposta em um distanciamento daquilo que homogeniza e hierarquiza a língua, num sentido de estabelecimento maior, não quantitativo. Kafka escavou as palavras, fez tremer a língua, balbuciando, operou uma literatura menor.

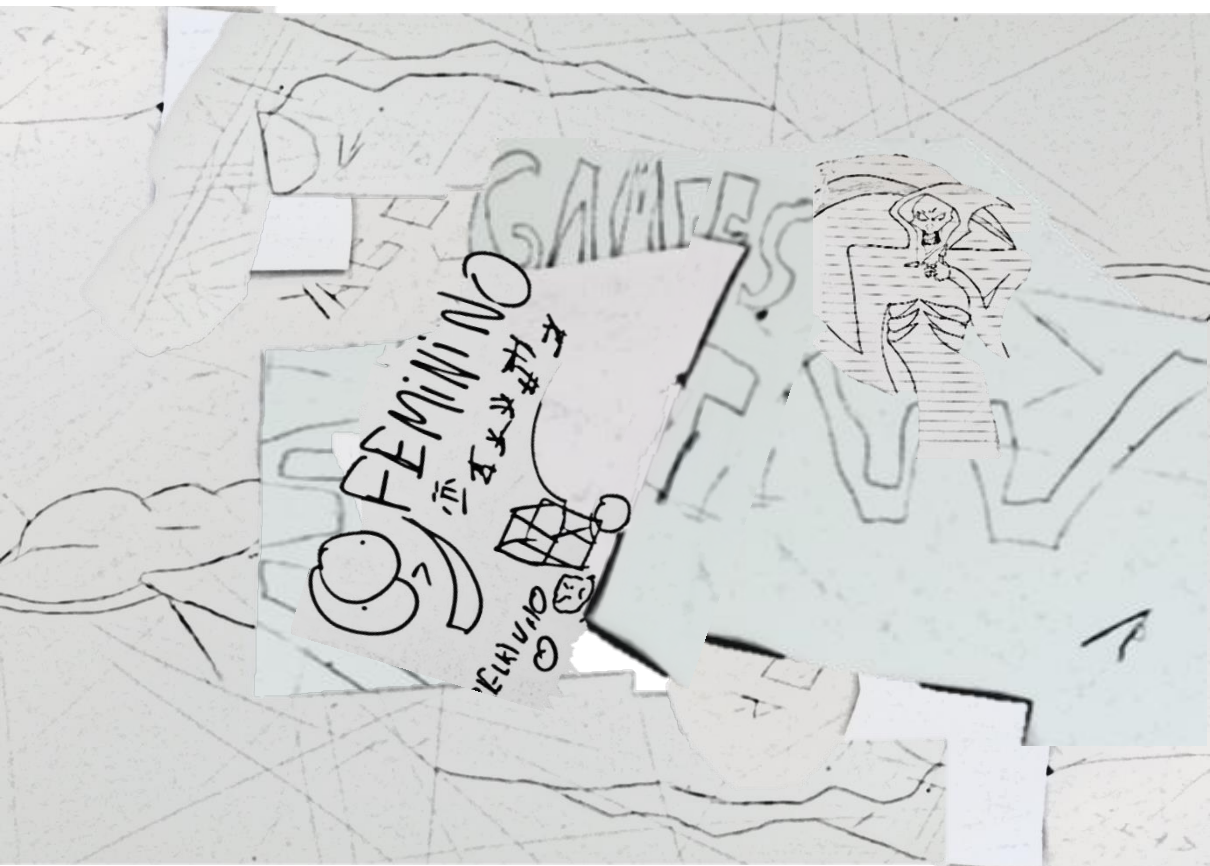


Imagem produzida pela pesquisadora a partir de experimentações em sala de aula e com registros do espaço escolar, 2017.



Imagem produzida pela pesquisadora a partir de criações de estudantes e registros de trânsitos cotidianos, 2018.

Essas línguas maiores estão relacionadas ao poder, de todo modo, mesmo com a dificuldade em operar línguas menores, não há língua que não seja arrastada por linhas de variações inerentes e contínuas, ou seja, por esses usos menores.

Dessa forma, pode-se assumir menos o caráter qualificador de maior e menor para línguas diferentes do que usos diferentes da mesma língua. Houve um exercício de conectividade que foi experimentado nesta pesquisa, para movimentar a docência operada por gestos mínimos.

Ao mencionar gestos mínimos, refiro-me às ações, palavras e imagens que transitavam em meio aos demais espaços. Pensei nos acenos quase imperceptíveis produzidos em sala de aula, que impeliram a outras produções que rompiam com o proposto. Gestos que singularizam as ações do artegrafar. No sentido de movimentar as relações da educação das artes visuais e da docência, com essa subtração dos elementos estabilizados, que orientam-se e aliam-se ao uso maior destes regimentos hierarquizados e homogêneos.

Com a ideia de propor alguns desdobramentos entre a literatura menor e as proposições e experimentações da docência em artes visuais, fez-se premente beber na fonte de Deleuze e Guattari (2017) onde há uma composição para articular o menor a partir de três coeficientes da literatura menor,

**Que educ[ação] é possível a partir dos nossos
encontros?**

que disparam a pensar “a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político e o agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 39).

Ao olhar para esse primeiro coeficiente, compreendi o caráter de desterritorialização enquanto esse movimento de distanciamento ou até mesmo de saída desta língua maior na condição de território, pois sempre há uma territorialidade para cada língua, um domínio que está sob sua força, uma tradição ou cultura. A literatura menor impele essa saída, extrai, desintegra essa conformação. Como cita Gallo

Uma literatura menor faz com que as raízes aflorem e flutuem, escapando desta territorialidade forçada. Ela nos remete a buscas, a novos encontros e novas fugas. A literatura menor nos leva sempre a novos agenciamentos (GALLO, 2016, p. 63).

Essa literatura menor nos convoca a apostar noutros espaços, propõe outros sentidos com o que já se conhece. Penso num impulso que injeta novos arranjos.

as grafias se ampliam
ao passo que os sujeitos
saem de seus micro- espaços.
são vistas e passam a existir
nas vias centrais, enfrentam
os grandes nomes da arte ficando
ali na borda, na margem...

Tudo que por completo e um certo
passou pelo estado - a petra... Escer-
vagem uniu os trilhos, vitórias e la-
juvantes virando - mudando - valha
quando - se um vozés, palavras, e cos
realizantes que e mudariam, ao me
trampetes um tinta líquida
que uniu por uniu vapores -
timpes vitórias no seu povo do
univou

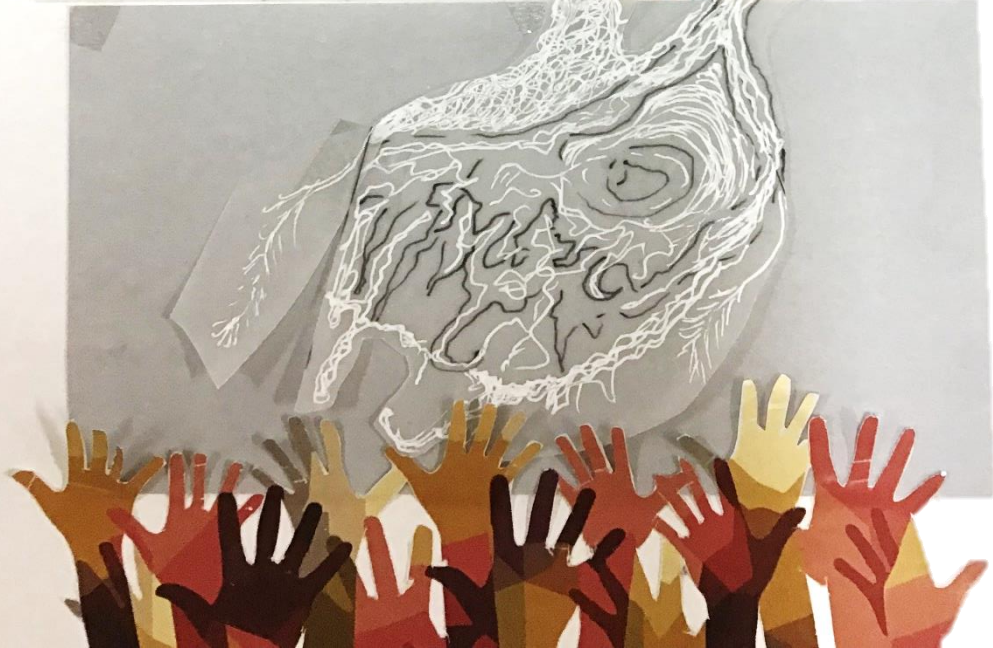


Imagem produzida pela pesquisadora a partir de fragmentos recolhidos nos trânsitos cotidianos, 2019.

Arranjos que se produzem em meio a novas grafias encontradas nas praças... Nos cadernos...

Que se entrecruzam entre paredes de escolas e paredes de viadutos...

Sentidos novos para os símbolos que são desconhecidos, marcas que são lixadas, pintadas, em tentativas de serem excluídas da superfície...

Porém, que retomam o espaço, se injetam entre propagandas, nomes, anúncios...

Grafismos que fazem a margem se alargar.

(fragmento do diário visual/textual da pesquisadora.)

No segundo coeficiente elencado por Deleuze e Guattari, há o caráter político inerente aos atos e modos de estar em meio à vida, não enquanto um ato explícito. Para os autores franceses, “A literatura menor é completamente diferente: seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 36). Desta maneira, exerce outra forma compositiva, trazendo ao campo os entrelaçamentos a fim de discutir aquilo que até então, ficava entre blocos similares, esse modo se propõe a estreitar as fronteiras das diferenciações.

Com esse movimento todas as relações de uma língua menor se compõem nas brechas, com o que vaza às instaurações, criando micropolíticas, ou como diz (GALLO, 2016, p. 68) “uma política do cotidiano”. Seguindo esse entrelaçar podemos pensar nas tramas que de gestos mínimos cotidianos vão sendo produzidas e injetadas no campo político macrossocial.

A literatura menor se faz “em um ato político, um desafio ao sistema instituído” (GALLO, 2016, p. 63). Neste viés penso junto a Gallo (2016) o menor enquanto esse movimento de desterritorialização, que escava buracos e brechas por entre essas forças majoritárias. São atos políticos que incidem diretamente nas ações cotidianas de existências.

O terceiro coeficiente proposto abrange o valor coletivo, segundo Gallo, “é talvez o mais difícil de entender e para se identificar, em alguns casos” (2016, p. 63). Tais valores aqui expressos não se referem ao sujeito que produz a obra, mas aos sujeitos de determinados espaços, a comunidade. Esse sujeito (escritor ou artista) não é um, mas corresponde a muitos, essa obra responde por um grupo, “Uma obra de literatura menor não fala por si mesma, mas por toda a coletividade. Os agenciamentos são coletivos” (GALLO, 2016, p. 63).

Ao mencionar sobre uma literatura que não fala por si só, retomo o que Deleuze (2010) traz acerca

da recusa da autoria, pois este coletivo diz respeito a morte do autor, até mesmo do escritor, de não escrever por biografias, mas por um povo que falta. Escrever por linhas de fuga que produzam outros, que invencionem pequenas brechas escavadas em microespaços, que limitadas a estes percursos, espraem-se sem intenção de totalidade.

Nesse sentido, esta minoria não remete a uma quantidade menor, mas ao desvio que se dá neste padrão. Essa afirmativa ocorre pela variação contínua deste padrão do poder de dominação que pensa uma fronteira, uma limitação, que não abrange um todo, pois foge dos padrões.

Entre eles há sempre regimes de relações de oposições que os colocam “no seio de um sistema majoritário” (DELEUZE, 2010, p. 61).

Tal oscilação e a função desta variação podem ser pensadas enquanto o devir-minoritário que se opõe

ao padrão. Neste movimento em que Deleuze (2010) pensou junto ao teatro, tomei sua ideia e a justapus com minhas experimentações docentes e discentes, compondo alianças para pensar uma docência.

Neste trânsito, nas tentativas de tensionar algumas destas noções, tomo as minorias pensadas em dois sentidos que se relacionam, porém, são distintos. Inicialmente menciono minorias enquanto,

[...] um estado de fato, isto é, a situação de um grupo que, seja qual for o seu número, está excluído da maioria, ou está incluído, mas como uma fração subordinada em relação a um padrão de medida que estabelece a lei e fixa a maioria (DELEUZE, 2010, p. 63).

Podemos compreender enquanto aquilo que é dado como minoria no senso comum, que estabeleceu essa significação a determinado grupo, que mesmo sendo numeroso, continuaram pertencente a ele.

No segundo sentido, “minoria não designa mais um estado de fato, mas um devir no qual a pessoa se engaja” (DELEUZE, 2010, p. 63). Esse devir-minoritário toma todos, pois cada sujeito produz sua variação na unidade de poder que pertencia enquanto maioria. De qualquer forma há sempre um escape, uma força de saída e, neste sentido, a minoria se faz mais numerosa que a maioria. Segundo Deleuze (2010), minoria se determina pela potência de um devir e a maioria caracteriza o poder ou a impotência de um estado, de uma condição. Portanto, um devir-minoritário universal se produz, enquanto potencialidade em todos os sujeitos.

Esse menor surge enquanto composição de uma consciência minoritária ou devir-universal, obrando arranjos e alianças, tramando linhas de variação que saltam e criam outras coisas, engendram novas operações.

Esta consciência é uma potência que captura os gestos e seus deslocamentos, os sons e sua transformação

intensa e corajosa ao desprender-se das representações e soluções. As alianças compostas por essa potência, relacionam-se com o caráter coletivo da literatura menor. Deleuze e Parnet (1998) mencionam sobre o agenciamento:

A unidade real mínima não é a palavra, nem a ideia ou o conceito, nem o significante, mas o agenciamento. É sempre um agenciamento que produz os enunciados. Os enunciados não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito da enunciação, tampouco não se referem a sujeitos como sujeitos de enunciado. O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos. O nome próprio não designa um sujeito, mas alguma coisa que se passa ao menos entre dois termos que não são sujeitos, mas agentes, elementos. Os nomes próprios não são nomes de pessoa, mas de povos e de tribos, de faunas e de floras, de operações militares ou de tufões, de coletivos, de sociedades anônimas e de escritórios de produção (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 43).

O agenciamento justapõe e convoca esses elementos que, acionados na passagem, no entre, compõem jogos de ordem coletiva.

Neste movimento não há sentido individual, sempre é visto como coletivo, o sujeito que aqui se manifesta faz parte de muitos, ele carrega e expõe as inquietações de uma comunidade minoritária que se faz existente em meio aos escritos de João. Mostra uma pequena nuance acerca de problemas e potencialidades esquecidas e despercebidas pelo espaço majoritário.

Ou... Ainda nos tantos Joãos, Marias que escrevem em meio ao caos das ruas, das salas de aula, em pedras, muros, calçadas, em textos de redes sociais e acadêmicos.

Conforme Gallo (2016) não há condições para que enunciações individuais ocorram, devido a dificuldade de manifestação de ‘talentos’ em uma literatura menor, esse fato se apresenta de forma contributiva, pois descaracteriza a criação de uma literatura magistral. Essa força da raridade de talentos permite que o/a escritor/a crie sozinho/a, que tal ato se constitua enquanto ação comum. Segundo Deleuze e Guattari,

O campo político contaminou todo enunciado. Mas sobretudo, mais ainda, porque a consciência coletiva ou nacional é ‘frequentemente inativa na vida exterior e sempre em vias de desagregação’, é a literatura que se encontra encarregada positivamente deste papel e desta função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa [...] (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 37).

Consequentemente, a literatura trata de uma tarefa do povo, a máquina literária se impõe à máquina revolucionária por vir. “Não há sujeito, há apenas agenciamentos coletivos de enunciação” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 38). Ao afirmar que essas

características delineiam a literatura menor, compreendo o ‘menor’ enquanto condição revolucionária no centro daquela literatura que já se encontra estabelecida e não como uma qualidade. Para pensar acerca de uma literatura menor, exercito o uso menor de uma língua maior, são desterritorializações múltiplas, uma desterritorialização na expressão, onde um determinado povo produz arranjos menores e provisórios dessa língua. Portanto, a literatura se torna máquina coletiva de expressão.

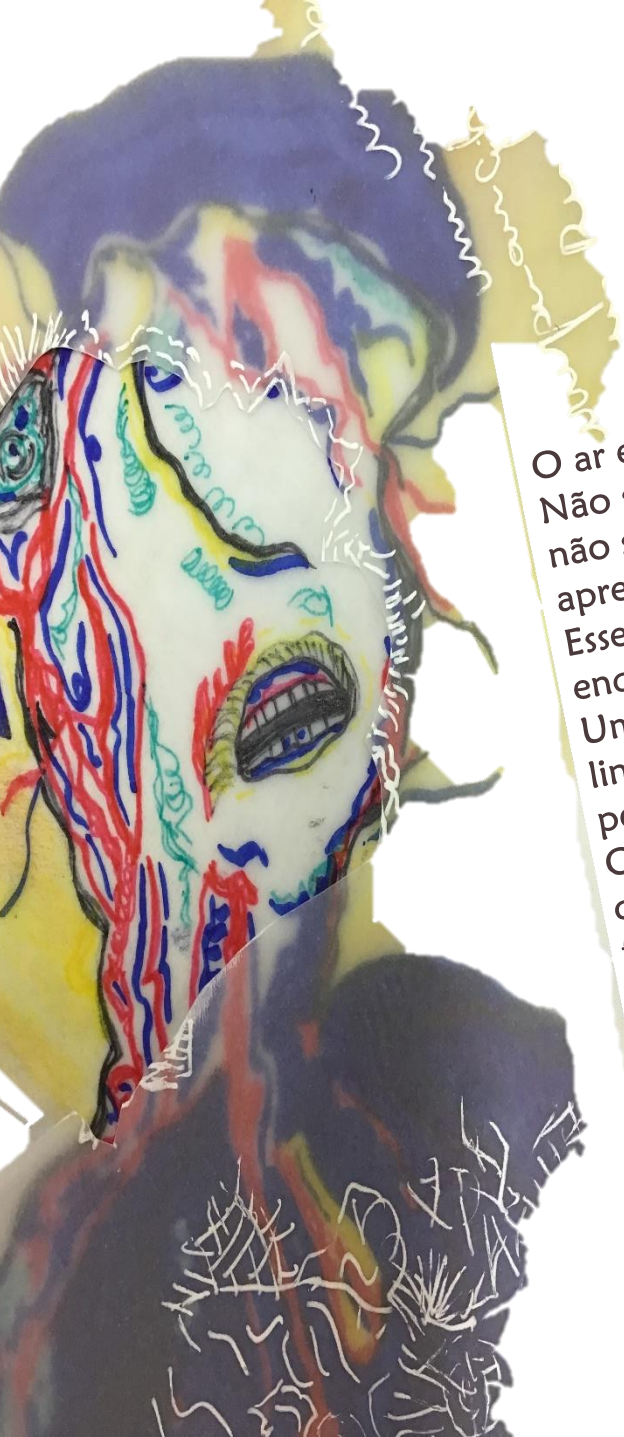
Há sempre o esforço de reterritorialização, mobilizando novas intensidades em prol de novas reterritorializações. Ao afirmar que as metáforas matam a esperança de toda literatura, Deleuze e Guattari (2017) remetem a toda significação, ao sentido figurado ou ao sentido próprio a uma composição de fluxos em “*continuum* de intensidades reversível” (2017, p. 45). Há desterritorialização de um no outro, trata de um devir mútuo no centro do agenciamento coletivo.

O uso assignificante da língua reporta as relações com os animais dos contos de Kafka, que não utilizam a fala, mas extraem as intensidades e tonalidades da linguagem. Neste caso irrompe a ideia de operar ‘com’, que intensifica algumas potencialidades junto aos movimentos em que se propõem o pensamento. Esse ‘com’ vem ao encontro do distanciamento de imposições de formas e modos de ser e estar, na linguagem, na expressão, na pesquisa e na vida. Neste viés, o ‘com’ se afasta do ‘como’, que delimita uma configuração, um pressuposto para que encontre algo, que se produza e atinja alguma semelhança.

Alguns desses deslocamentos da língua conferem torções criadoras na linguagem, as torções ganham intensidades, flexibilidades e expressividades, nos estudos de Deleuze e Guattari, “A linguagem deixa de ser representativa para tender para seus extremos ou seus limites” (2017, p. 47). As línguas se diferem a cada combinação, limitam-se a integrar seus centros de poder

múltiplos, há neste mesmo viés as formas de poder que se exercem através da língua, arejar e deixar escorrer da língua maior o que lhe é passível de uso intensivo, através de linhas de fuga criadoras que formam uma desterritorialização, pode ser uma possibilidade para uma docência.

A literatura menor remete aos incessantes movimentos em uma língua maior e às composições possíveis. No movimento de subvertê-la para que possa fazer uso de seu caráter menor, nas zonas periféricas onde a língua vaza e um agenciamento se funda. Muitos movimentos literários e políticos, práticas cotidianas e escolares procuram exercer funções maiores da linguagem, em tomar os espaços majoritários e neles se instalar enquanto modelo.



O ar elemento corriqueiro.
Não sentimos sua falta, a
não ser que ele não se
apresente...
Esse ar, aqui se instaura
enquanto paragem,
Uma pausa para organizar a
linguagem ou o
pensamento.
O silêncio imperativo do
desassossego, a
fragmentação do tempo
cronometrado em
ponteiros.... Uma
granulação que pode ser
pinçada.
E transcrita exercitada no
texto... Na fala... Na
conversa em sala de aula.

A potência poderia estar onde possamos criar ou existir em um mínimo gesto.

A decepção com o fracasso de seu plano, mas talvez também a fraqueza ocasionada pela grande fome que passava, tornavam-lhe impossível o ato de se movimentar. Ele já temia, com uma certa insegurança, o instante seguinte, em que uma avalanche geral seria descarregada sobre ele; e apenas esperava (KAFKA, 2016, p. 91).

Essa movimentação propõe espaços de criação que, por vezes, se diluem por **entre** letras, que operam vocabulários com sentidos disparados pelas regras e premissas hierarquizadas em alguns espaços de ação docente e discente.

Um convite a **pensar** na potência do fracasso, a impotência diante de fatos do cotidiano, as surpresas que se instalam durante um diálogo despretenso entre estudantes. São afetos que contaminam o discurso que rompem com o corriqueiro, que saltitam e **clareiam** possibilidades de invenções com a arte e a educação.

São pequenas granulações cotidianas que se intensificam nas composições de uma docência...

Ao perceber que a potência da arte está no modo como docentartista articula o rompimento com as regras instituídas, se faz como um tufão de vento com areia nos olhos, sentidos diversos se chocam... Arte que circula entre as vidas, permanece ali... Entre recolhas e tentativas de movimentar pensamento.... Materiais saltam de uma caixa e convidam mãos, olhos, bocas a experimentar... Seguem diversas interlocuções, registros, curiosidades...

Seguimos... Seguimos...

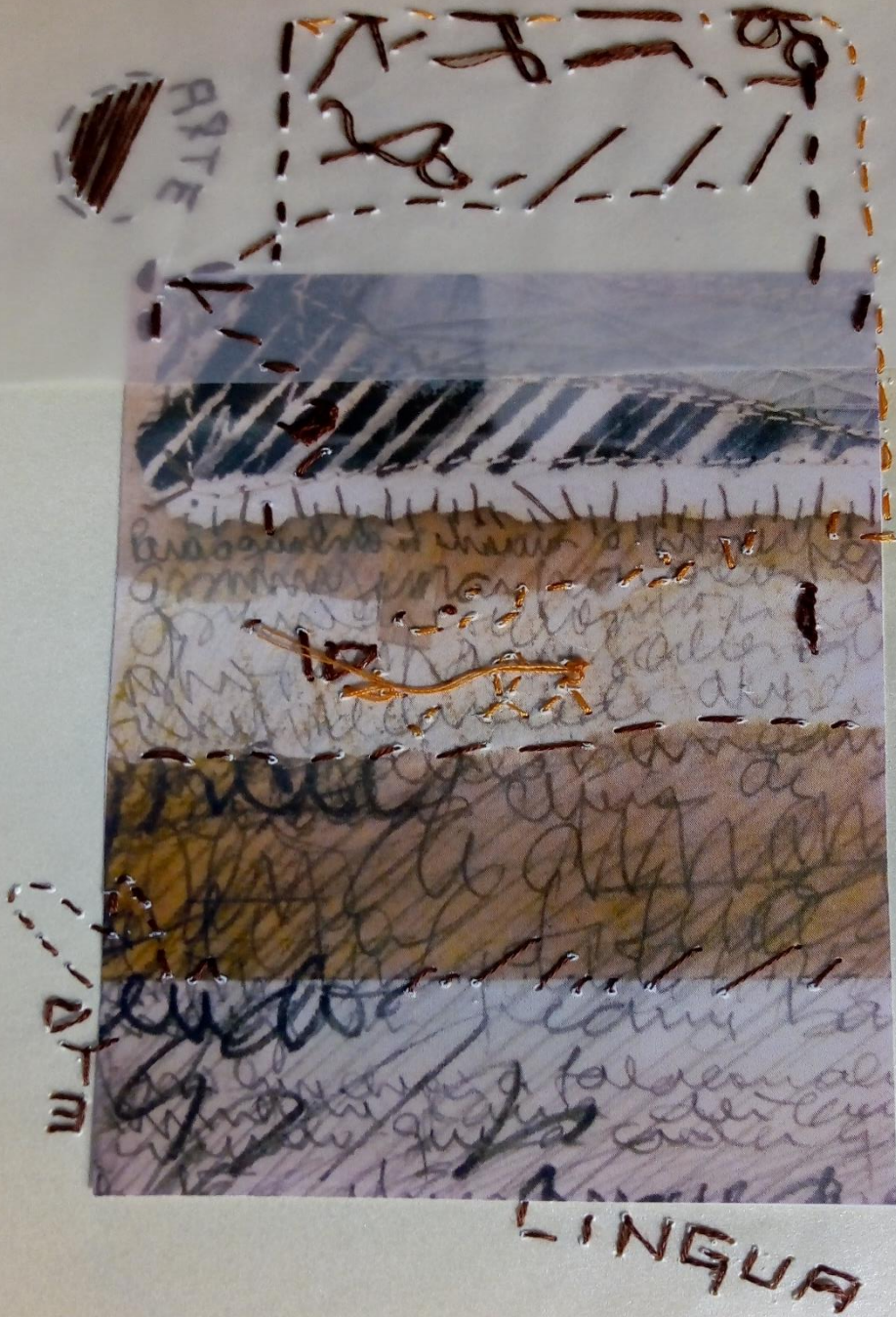


Imagem produzida com a escrita de um exercício apresentado na disciplina de Pesquisa em Educação, do Curso de Mestrado em Educação, no 2º semestre de 2017.

Neste sentido, retomo as relações que impulsionaram a iniciativa desta escrita ao apostar em uma docência a partir de encontros vivenciados em sala de aula, especificamente durante um diálogo com uma turma acerca dos espaços em que já havia trabalhado. Surpreendi-me com algumas ideias que foram mencionadas e que me fizeram seguir pensando sobre o espaço escolar e as produções docentes.

Dois estudantes me perguntam onde eu já havia trabalhado. Conto a eles sobre os espaços, e todos se surpreendem por ter sido professora de menores em conflito com a lei. Curiosos fazem muitas perguntas sobre como eram os espaços, o que eu ensinava a eles e se havia agentes dentro das salas... Se faziam provas... E se eu não tinha medo de estar lá...

(fragmento do diário visual/textual da pesquisadora, 2017)

As perguntas me remeteram a pensar sobre meu modo de estar docente e sobre as produções dos planos de aula. Em alguns momentos me deparei com relações mais tênues entre conteúdos da arte, linguagens e movimentos artísticos enquanto produções que poderiam movimentar o pensamento.

Esse pensamento me tomou, demarcando os momentos em que a narrativa de um assalto se manifestava em meio as interlocuções propostas na aula, pois, esses sujeitos colocavam suas ações enquanto força e poder. Cenas de uma guerrilha manifestada não entre a docência e os/as estudantes, mas sobretudo nas ações de uma docência que nas margens temia acentuar as relações de disparidades, produzindo saberes e sentidos que não se entrelaçavam com as proposições iniciais da aula.

Os pousos durante estes momentos me impeliram a indagar:

O que convoquei a partilhar nesses encontros?

A cada semana, durante os intervalos, escuto nos corredores e na sala de convivência diversas conversas. Vou capturando esses pequenos fragmentos de falas e discursos que me inquietam. Sigo a pensar..

Como mobilizar os/as estudantes em uma aula de artes à criação de escritas e grafias próprias?



Imagem composta a partir da de uma imagem do trabalho de Tomaz Josué, 2017. apropriação

*Palavras soltas, palavras que distorcem a língua, o pensamento, o
estar.*

*Palavras santas que amarram as ideias, sufocam os devires na
imensidão dos possíveis.*

Palavras feitiçoas que ilustram o papel, o olhar e a leitura.

Palavras aglutinam sujeitos, corrompem espaços, adentram o outro.

Palavras que se unem, fervilham, produzem-se, dançam.

Palavras que povoam os silêncios da leitura.

Palavras compõem o texto, o texto compõe as palavras.

Palavras se incrustam nos sujeitos, no papel, na voz, na pele, nos olhos
Palavras, palavras, palavras....

Palavras de antes, de agora, depois.

*Constelação, cardume ramificando-se seguem, tentativas de sequência
desnecessárias que perdem no vazio costumeiro a potência. Porém,
que compõe no vazio ressonante imensidão de possíveis.*

*Escrever torna-se anseio daqueles que calam, que se produzem
silenciosamente.*

*Escrever enquanto exercício que dociliza posturas e movimenta
territórios.*

Escrever na possibilidade da criação, do remar, remar e pairar.

*Sentidos e escolhas que emaranham-se na sinuosidades das linhas,
dobras, voltas, partilhas, retornos, segmentos que espraíam-se e
sufocam na imensidão das verdades.*

Escrita produzida na disciplina de Seminário Temático/Avançado da
LP4: "Leitura e escrita acadêmica a partir das filosofias da diferença"- 2º
semestre de 2017.

ArtegrafaR

ArtegrafaR

*Produzir uma arte escrita.
Grafar arte produzida nos
espaços percorridos.
Produzir arte
Artisdocente,
Artista com a docência
professora em meio à arte
Artista na pesquisa?
Artedocente...
Arte, docência na pesquisa
Arte e docência com a pesquisa*

Transitar por entre grafias que potencializam as questões da educação, da arte e da docência, são tentativas de inscrever ideias e impulsos que atravessem o cotidiano, a vida e despontam outros modos, formas e possibilidades de existência entre espaços, tempos na e com a educação. Artegrafar escritas e imagens para pensar uma docência em meio à vida.

Experimentações de um artegrafar-rizomar, que se relaciona com o que Deleuze e Guattari (2011) afirmam sobre o rizoma. Visto que o rizoma trata do **e... e... e...** como gaguejar.

Multiplicidades que associam-se, justapondo-se, compondo possibilidades outras, não trata de um ‘ou’ outro, e sim, de um ‘e’ outro. Articulado as multiplicidades em movimento, distanciando-se das oposições binárias do ‘ou’ e do ‘é’.

Essa relação do rizoma com as multiplicidades que se movimentam com a diferença, remetem pensar na diferença pura (SILVA, 2000), aquela em que não há exclusão, que pode ser tratada como ‘falsa diferença’. A diferença pura pensa o conceito e o sujeito sem distanciamento. Desta forma, não produz marcadores culturais, não define identidades, não faz comparações, pois respeita a singularidade, a heterogeneidade e as multiplicidades.

São exercícios de conversações, recolhas de imagens projetadas em muros, paredes e propostas ao convocar a arte que não está exposta em livros, que não é contada pelo consenso majoritário, que agregam multiplicidades, artegrafando linhas de força e rizomando aquilo que acontece nos percursos da investigação. Estes gestos mínimos são artegrafados, experimentando uma pesquisa que cria interlocuções com as materialidades e recolhas dos espaços que atravessa.

Tais exercícios dizem respeito às criações docentes e discentes realizadas coletivamente, em que a *docentepesquisadoraarteira* cria isogravuras em um painel coletivo, momento em que foi escolhido um tema e todos/as criaram uma composição em uma placa de isopor que, posteriormente, foi entintada com rolinho e carimbada numa superfície. A temática escolhida foi ‘democracia’, e todos/as criaram formas que remetessem aquilo que era de sua compreensão. Após esse exercício, compomos um quadro conceitual a partir das palavras

que cada um citava como sendo sua significação para democracia.

Num segundo momento fomos, conversando sobre as imagens que estavam expostas nos muros próximos à escola, que relações poderíamos tecer entre o que produzimos e o que tem sido criado em meio aos nossos trânsitos.

Surgem nesses entremeios artistas, técnicas, materiais utilizados e onde são comercializados, o espaço micro expande e abrange o macro ao conectarmos obras, materiais e artistas que transitam no espaço majoritário da arte. A conversa se intensifica sobre a lei de Crimes Ambientais (Lei Federal nº 9.605/98), que criminaliza pichação e, neste momento, retomamos a discussão acerca do público e privado, houve um movimento que desencadeou a proposição inicial, substituindo-a.

Sigo neste mesmo viés e sinalizo que o deslocar ou movimento do rizoma se dá transversalmente, compondo alianças.

Nesta via pensei o artegrafar enquanto um texto rizoma com infinitas possibilidades que dificulta as tentativas de interpretação e de significação, pois tratou-se de um texto que se propõe à experimentação.

Escrita permeada de dúvidas que experimenta junto às filosofias da diferença outras formas de pesquisar e mobilizar a escrita pela produção de problematizações sobre a vida. As dúvidas enfrentadas se fizeram com as composições, como escrever sem inferir radicalmente as minhas experiências, as colocando como verdades absolutas. Como não perder o 'fio da meada' do fazer 'com', agrimensando ideias, experiências, no revezamento entre teoria e prática junto a estes sujeitos que compartilhavam comigo esse espaço?

A certeza não existe, ela é ínfima, tal qual a vida, o que pode ser registrado são nuances de pensamentos, contar o que pode ter sido latente em mim. Esta provisoriade que enlaça a vida se faz presente na docência e na escrita, pois os incessantes movimentos produzidos criam alianças, essa é uma potencialidade que me interessa.

Pensei com Deleuze e Guattari (2011, p. 19) sobre esse escrever provisório, “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir”. Neste artegrafar vou produzindo estes desvios, entre as letras... Imagens... Entre pensamentos... Letras escolhidas, por entre as intencionalidades fugazes das violações que criam o pensamento, as incertezas, as possibilidades que se somam na dúvida.

Neste movimento de operar a docência em artes que se compõe com as ações cotidianas, somei a intenção em produzir um meio de articular esse trânsito com uma grafia própria.

Pensar a docência compondo o que encontro de latente nos espaços que atravesso, potencializando linhas de criação, angariando materialidades que alinhavadas ou tramadas apresentam as singularidades da docência e da arte. Uma docência que se produz junto aos/as estudantes, que se desloca de um espaço e lança tinta nas folhas, que acolhe a dúvida e o diálogo mesmo sendo deslocado da temática proposta na aula, uma docência que aceita o inesperado, que rasga planos de aula e parte a outros territórios, sobretudo porque sabe que somente se produz saberes com o outro. Uma docência que recolhe as miudezas esquecidas nos balbucios do corredor e as articula enquanto disparadoras para interlocuções e produção de conhecimentos.

No emaranhado de conceitos e vida, vou injetando sentidos percebidos nos trânsitos docentes e discentes, rasgando papéis, colando e costurando frases recolhidas do espaço escolar, justapondo materialidades

que auxiliaram a mobilizar outros possíveis. Os respiros e brechas pululam, tais como formigas cavando por entre espaços que se enlaçam produzindo aberturas e sentidos.

O que se ensina em arte? Penso... Penso que podemos aprender algumas coisas com a arte, juntos/as... Como vamos desenhar? Pensei em desenharmos no quadro... Todos/as juntos/as, podemos ir lendo algumas coisas e vir transpondo linhas e formas no quadro. Vamos colhendo o que gostamos de ouvir, de ler, de dizer... Seguimos...

O rizoma, que inicialmente mencionei enquanto um verbo, dialoga com as ideias compositivas desta pesquisa em educação e da produção de uma docência. Ficar à espreita em meio aos espaços movediços de minha produção docente aliados aos movimentos do campo educativo das artes visuais, para artegrafar pensamentos, experimentações e existências.

Ao ser capturada pelo rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2011) percebo o deslocamento no sentido de exercer um desvio do modelo arbóreo, estruturado e fixado nas formas de pensamento que se baseiam em moldes disciplinadores e detentores de verdades únicas. Tal quebra de algumas estruturas se propõe a experimentar uma outra forma de aprendizagem, que desvincule-se da reconhecimento, que se aproxime da forma como pensamos, rizomaticamente.

Um aprender tal como nos remete Deleuze (2013), com signos que podem ou não afetar o sujeito,

movimentando o pensamento, explorando as relações de heterogeneidades, multiplicidades, problematizando e produzindo outros sentidos. Em meio a essas ações e relacionando-as com a educação e a docência, fui capturando linhas que extravasaram, romperam e impulsionaram uma outra operação com aquilo que está instituído. Compus articulações entre escola (instituição), experiência, ensino e aprendizagem, no sentido de criar espaços e/ou brechas para respiros que se desfaçam de encontrar apenas resultados numéricos e ou estatísticos.

O que auxiliou neste processo de captura e organização foi o modo com que me relacionei com o diário visual/textual, pois estabelecemos com ele uma espécie de acervo, sem linearidade cronológica. Com o diário estabelecemos relações embebidas na atmosfera que circunda o espaço e o sujeito em determinado momento.

A potencialidade constituída neste aglomerado de letras, ideias, estudos, recolhas, acessa uma paragem necessária ao pensamento e ao sujeito pesquisador/a, momento no qual há possibilidades de olhar para aquilo que foi produzido e angariado nos trânsitos.

A investigação se realizou com este método ou modo de trabalhar combinando os elementos constituintes deste percurso enquanto potencialidade para esse movimento docente/artista/pesquisadora que venho propondo e espectando nesses imbricamentos.



Imagem produzida pela pesquisadora a partir da apropriação de imagem recolhidas de aulas e exposições de arte, 2018.

Na contestação, nessa ruptura com uma verdade, produzi possibilidades, potencialidades, criei imagens, formas, propostas de encontros ou aulas que puderam afetar alguns sujeitos, que foi potente para pensar a docência em arte, a produção do conhecimento com a arte e a existência nos espaços da educação. Talvez como diz Deleuze, “um pouco de possível se não eu sufoco” (DELEUZE, 2013, p. 135).

A professora-pesquisadora que atravessa essa escrita produz mundos e se produz, entre afetos, recolhas, cintilações, caos, restos, notas, fragmentos que compõem uma pesquisa e por ela é composta.

Essa professora pesquisadora em devir, com a escrita em devir e a educação em devir...

Docentistarartente artisdocente docentista

Docente Artista docENTE

Ardente latência,

Fluxo molecular,

Movimento desmedido,

Compulsória imaginação, de **Ver** es injetados de um exercício
cotidiano.

Professor **ar** tista pesquisador

A professora inspira o ar e retoma o pensar

Segue com seus insistentes movimentos...

O arrr falta.. **Muitass** e **muitass** vezes....

FFF**aall**taaa

A dor cala, força, incomoda insanamente

O aarrrrrrr..... Arrr..... Arrr

Produzindo gestos menores

Pés de pesquisadora, percorrem o pedregulho

Andar... **andar** ... atenta aos menores gestos

Movimento ínfimo... Infinito

Professor **pés**quisador **arte**

Artista docente que impregna o estupor das ações cotidianas com seus gestos mínimos.

Artista que delinea por entre os vazios **silenciosos** dos ouvintes operadores de sua arte, proposições de **criações múltiplas, vivências** coletivas de corpos docilizados pelo olhar de uma **macropolítica** instauradora de formas e gestos arborescentes.

Docente, doce sentir de sujeitos impregnados por sentires e devires de movimentos incessantes de multidões **heterogêneas.**

Movimentos que se fazem **Presentes**, prescindidos por entre gentes, **humanos**, animais, seres **que se** colocam em meio a povoação dos saberes que **abstraem** notas ínfimas do conhecer maior, majoritário.

Dores inquietas pulsantes dos cotidianos costumeiros das gentes que **povoam vidas, escolas, espaços.**

Artista ente que

silenciosos

cria múltiplas, vivências

política

heterogêneas.

Presentes,

humanos,

que

abstraem

*Dores inquietas pulsantes dos
cotidianos costumeiros das gentes que
povoam vidas, escolas, espaços.*

Educação menor... Uma docência

Na aproximação com as ideias de Gallo (2016), inicialmente me deparei com uma relação de ensino e aprendizagem que carrega consigo essa segurança ofertada ao professor. Coloquei-me a pensar nas relações vivenciadas na educação referente às concepções históricas tanto da educação quanto do pensamento, compreendendo a concepção platônica do aprender enquanto reconhecimento que se fez matriz dos pensamentos educacionais e pedagógicos do século XX; e que se faz vigente inclusive em nossa sociedade, pensando o ensino e a aprendizagem de forma indissolúvel.

Nesse sentido, pensa-se o aprender apenas enquanto o que é ensinado, nessa relação encaixa-se a figura do/da professor/a, como quem executará tal tarefa. O que me forçou a pensar acerca dos espaços em que estava inserida, nas formas em que abordei determinados assuntos, pensando algumas ações junto aos/as outros/as

professores/as, como tenho me produzido docente e na forma que artegrafei essa pesquisa.

Em meio aos espaços escolares e acadêmicos estive à espreita de encontros que não satisfizessem e não produzissem apenas as expectativas da instituição/escola, mas que contemplassem uma produção subjetiva⁵ que se fez presente nesses trânsitos.

Durante as aulas atentei para o que havia no espaço, escutei não somente os/as estudantes, mas as inquietações que tecem as problematizações acerca desta produção docente. Acolhi o insistente pedido de assistirmos um filme sobre um artista, e com ele produzir interlocuções, textos, carimbos. Esta ação articula-se com as brotações que despontam nas formas rígidas que denotam perceber o macro espaço. Experimentei composições de imagens produzidas individualmente pelos estudantes e problematizei as

5. Subjetividade, enquanto produções de vida, nos encontros com o outro, nos atravessamentos e afetos, pelos quais os indivíduos participam, com seu caráter provisório e constante, propicia a estabelecer vínculos (GUATTARI, 2000).

relações de significados de representações, distanciei algumas certezas e pus em xeque mesmo que provisoriamente outras, assim produzi um jogo incessante.

Tal jogo propiciou a entrada e a circulação de outras formas de exposição em e no grupo, outras vozes se fizeram presentes, curiosidades se inseriram e deglutinaram as asperezas dos vocábulos... Das imagens... De seus traços no papel...

Os exercícios de experimentação foram sendo realizados com mais leveza, aos poucos os/as estudantes se envolviam com as propostas. Assistimos o filme 'Com amor, Van Gogh' (2017). O filme é uma animação produzida com pinturas à óleo que seguem o estilo do artista. São reproduções de pinturas de Van Gogh que criaram movimento e remetem a pensar as questões da existência. Os/as estudantes teceram relações com as questões psicológicas que se instauraram em suas vidas, houve uma conversa acerca das questões do tempo cronológico, do espaço temporal durante o uso

de substâncias químicas, os sentidos experimentados em meio as turbulências cotidianas. As conversas se tornaram experiências que me impeliram a olhar para docência que tenho produzido, e indagar como temos composto saberes em meio a esses movimentos?

Em tentativas de usufruir das fissuras existentes, fui inserindo questões referentes aos conteúdos pertencentes ao programa da escola, trazendo singularidades e peculiaridades sobre grupos de artistas, obras e materialidades, fomos nos envolvendo e produzindo saberes, realizando trocas e compondo uma docência que se faz em meio a vida.

Compondo uma docência



Imagem produzida pela pesquisadora a partir de experimentações de estudante em sala de aula, 2018.

Ao apropriar-me do conceito de literatura menor em Deleuze e Guattari (2017) para formular a noção de docência, busquei relações com a educação menor, conforme nomeia Gallo (2016), a qual vincula-se aos processos de desterritorialização das formas vigentes. Neste caso, quem se desterritorializa são os processos educativos. Tornou-se necessário dar sequência a essa relação e assumir a educação maior como espaço onde se percebem questões institucionalizadas, construídas como máquina de controle em que a educação parece se comprometer com a produção de mão de obra de indivíduos em série, que se vincula ao ensino que corresponde apenas à aprendizagem.

Segundo Gallo (2016), a aprendizagem para Deleuze trata apenas da passagem do não saber ao saber, essa transitoriedade, e tão somente isso. Ela se coloca para além deste controle vigente na educação maior,

visto que o controle sobre o que se aprende é ilusório, inexistente, incapturável.

Ao redimensionar essas relações, pensei o aprender enquanto algo do inesperado. Sendo possível a aproximação de qualquer movimento, seja com coisas, estando ou não sob a compreensão, porque relevante é o entendimento do processo ao produzir outros sentidos.

Considerar o aprender embebido das ideias de Gallo, Deleuze e Guattari potencializam a ampliação do campo do possível para a educação e a vida, com alternativas e invenções.

Ao adentrar a sala de aula, houve momentos em que o ar faltava, colocava-me em silêncio frente à turma, uma espécie de vazio se instalava, aos poucos e com um certo balbuciar, começava a convidar os/as estudantes a partilhar daquela conversa. Os disparadores que usei foram importantes nesses momentos, pois com eles/as esse balbuciar o rompimento do silêncio se concretizava.

Usar imagens da arte mescladas com imagens da mídia causou em certo momento estranheza, mas produziu uma ressonância muito interessante. Dias após essa aula, recebi uma composição a partir do cartão resposta do Enem sobre o resultado das eleições, e nele percebi a ressonância de nossas conversas.

Experimentar a educação menor foi muito potente em vias de produzir fendas, vazamentos que impeliram desvios e resistências, pensando nesta educação menor enquanto ato de singularização. A educação maior está engendrada na macropolítica, institucionalizada, produzindo-se como máquina de controle, pensando o ensino como reconhecimento; a educação menor relaciona-se com a máquina de guerra, não como aparelho de estado.

Dessa maneira, a educação foi exercício de produção da multiplicidade, não possibilitando atos solitários, pois há nela valor coletivo, rizomático. Ou como diria Sgobin (2013), permitindo o aparecimento do inesperado e do caos, inconcluso, sempre em vias de se fazer porque na

fertilidade certa do pensamento, quando é mais livre, menos ligado ao tronco, pensamento-grama. Simples seguir o tronco e investigar sua raiz até suas pontas; mas quem pode investigar um rizoma e dizer, sem dúvida, terminei? Eis sua questão (SGOBIN, 2013, p. 252).

Compus tentativas de um rizomar docente, de uma docente em meio escolar, de uma discente em meio acadêmico, de uma docente-discente que transita entre a arte, a educação e a filosofia. Movimentos de uma docente que percebe o ar como potência para as suas ações, propostas para o exercitar docente.

O menor que se fez presente nesses escritos relaciona-se também com a formação-menor que Anelice Ribetto (2011) discute. Essa corporificação de uma formação-menor no momento em que nos atrevemos a pensá-la em um território, passa a ser captado e subvertido a produzir gagueiras, a ser desterritorializado e reterritorializado enquanto espaço de resistência. Essa formação-menor opera um estar junto, uma formação que não há um *a priori*, pois este se dá no encontro.

O encontro aqui vem sendo articulado com Deleuze (1988/1989), segue a ordem de violentar o pensamento, do inesperado, pois produz algo no ziguezague dos signos que passam entre dois e marca, movimenta, sempre na multiplicidade, porém, o encontro é da ordem singular. Ele se dá de formas diferentes em cada sujeito.

As características deste menor são referentes ao conceito de Deleuze e Guattari o qual Gallo toma para si e torce propondo-o junto à educação. Ribetto segue o movimento e produz uma torção no conceito de menor, deslocando-o para pensar as produções na e desde a experiência de formação, articulando questões de outra ordem que versam sentidos e seguem lógicas diferentes daqueles unívocos da formação utilitarista e engendrada na maioria social e política.

Junto a essas potencialidades, há possibilidades de movimento e rupturas nesses sistemas hegemônicos de formação que não permitem respiros e flexibilidades, se fazem como diferença, mesmo que seja tratada como uma

proposta oficial, é possível subvertê-la, para que se espraie, produzindo diferentes formas de rir, estar, conhecer, esfacelando as verdades únicas, as formas únicas de produzir conhecimento e saberes.

Trata-se de um ato político com valor coletivo, pois resiste, enfrenta e questiona, não se preocupa em legitimar e sistematizar suas formas, uma vez que ela não está nem no utilitarismo, nem na verdade. Seu valor coletivo se dá porque “nenhum saber se cria isolado, sempre é um esforço que movimenta desejos de outros e produz multiplicidades. Ele se cria rizomaticamente” (RIBETTO, 2011, p. 117). A formação menor se inspira nos movimentos de Kafka, inventando outras formas de escrever. Talvez possamos assumir uma outra formação que não esteja relacionada ao heroísmo de professores e professoras, a realização de grandes façanhas educativas, com intenção de melhorar a formação de professores e a educação. Ou ainda, que possamos nos demorar pensando em gestos menores na formação (RIBETTO, 2011).

Um certo demoramento é bem-vindo para que possamos atentar às possibilidades de desvios dos papéis do/da docente salvador/a, detentor/a do saber, desmembrando as relações constituídas de segmentariedades fixas. Assim, compondo arranjos e ou operando gestos menores na formação.

Quais outras formas de pensar e produzir docências?

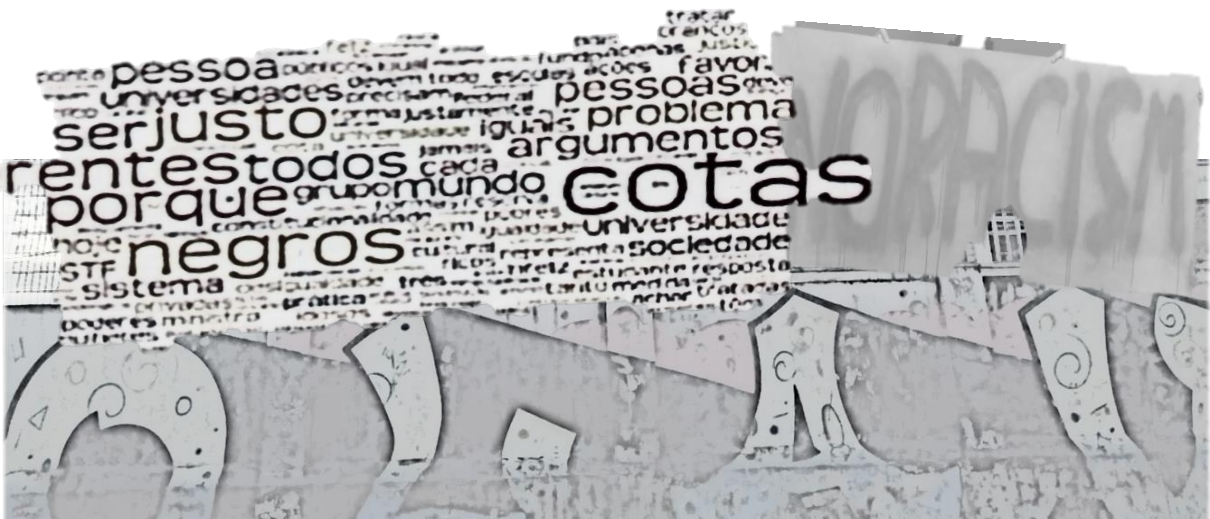


Imagem produzida pela pesquisadora a partir das experimentações de exercícios dos estudantes, 2019.

A indagação apresentada anteriormente está pulsante nos espaços em que participei, tanto quanto acionou a escrita e impulsionou as escolhas de leituras que compuseram as possibilidades de criações docentes, perpassando tentativas de artegrafar enquanto a pesquisa se compunha. A docência em artes visuais que experiementeí atravessou os espaços da arte dita clássica e os possíveis imbricamentos entre alguns conteúdos pertencentes ao currículo das escolas. Na arte clássica ou greco-romana criei conexões junto à arte contemporânea presente nos museus, galerias, muros, redes sociais e *sites* pertencentes aos nossos cotidianos.

Estas invenções de exercícios pulularam questionamentos e torções acerca das proposições que materializaram-se em sala de aula, projetos que esboçaram relações entre artistas, obras, períodos históricos, produções estéticas e conceituais com problematizações referentes a justaposições de espaços tempos distintos.

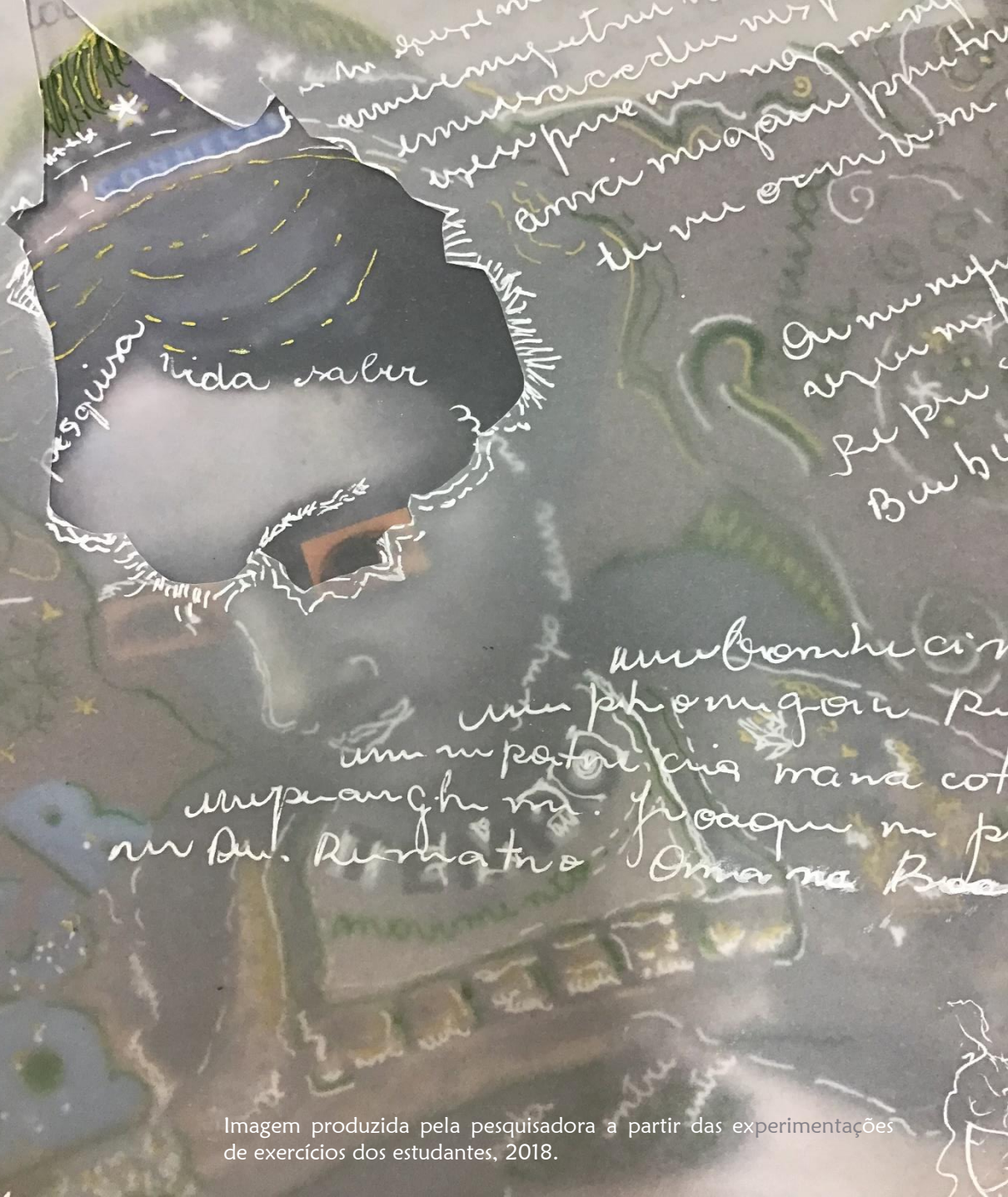


Imagem produzida pela pesquisadora a partir das experimentações de exercícios dos estudantes, 2018.

*Exercícios artegrafados e acolhidos no diário
visual/textual composto pelas experimentações de uma
docência.*

Essas propostas trataram de movimentar o pensamento junto a imagens e formas que existiram, para problematizar o modo como elas abarcaram os posicionamentos políticos nas sociedades, nos sujeitos, nos modelos e nas normas de estar em meio a vida. Percebemos inúmeras representações miméticas, realistas, estudos que permitiram avanços tecnológicos, criações e descobertas que respingaram no cotidiano em que vivemos. São sentidos outros que podem se entrelaçar e produzir saberes, compreensões acerca dos povos, da história e da vida. Trataram de experimentações que perpassaram os percursos da docência e da arte.

Durante o semestre combinamos de produzir relações com cada um dos períodos que fossemos estudar. Primeiro era necessário um convite para que

os/as estudantes compusessem com imagens e palavras um material que entrelaçasse as características visuais do período histórico e cultural estudado.

Como primeiro exercício discutimos os tensionamentos da arte rupestre com a arte exposta hoje nos museus e galerias.

Seguimos a compor exercícios...

Seguimos...

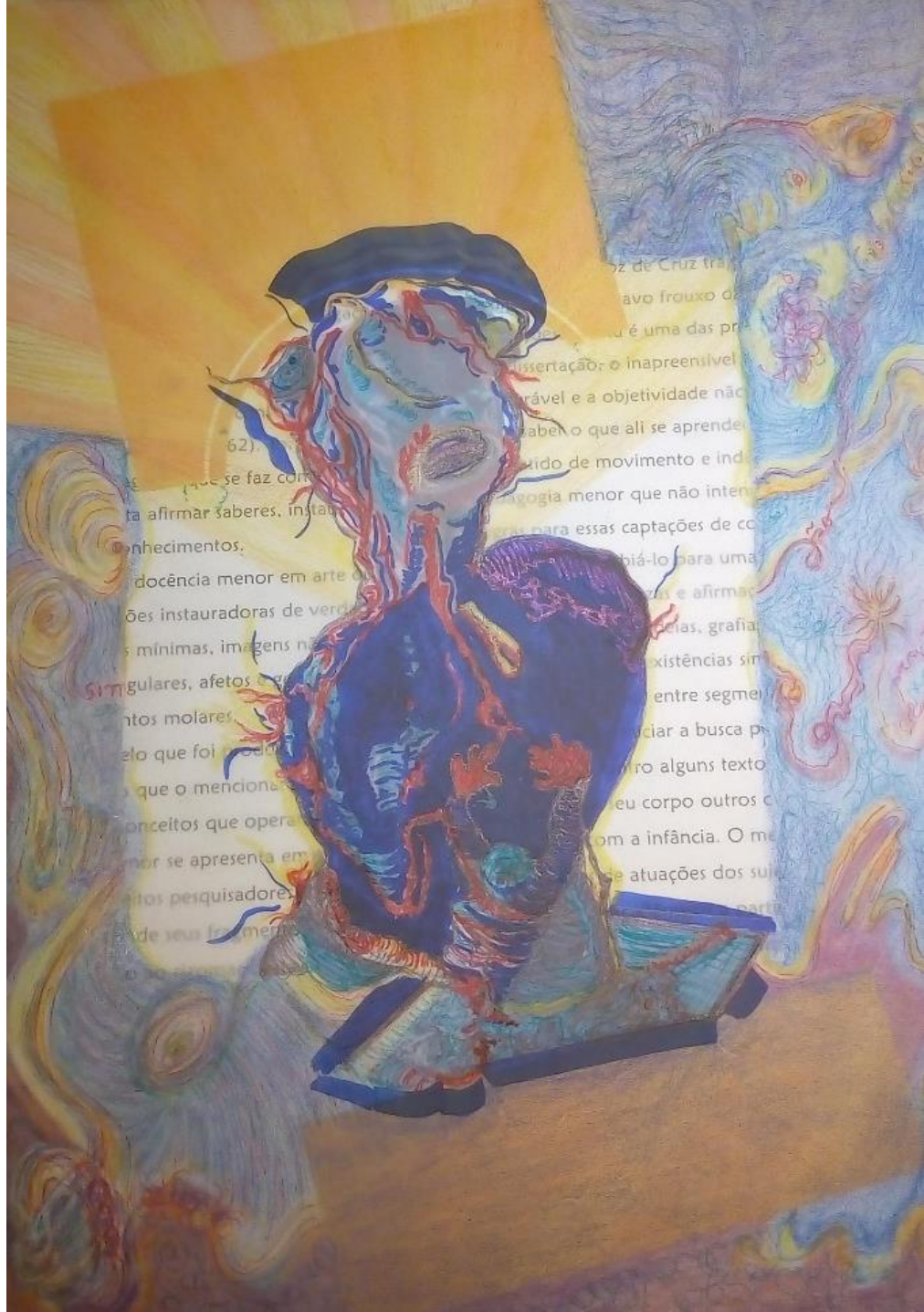
Apostei na criação, operação que se compôs fragmentada, distante da abstração, que impulsionou o pensamento e produziu possíveis. Retomo o pensamento de Deleuze (2003), o qual afirma que há uma violência que força o pensar, que as ideias são criações raras de existir.

Um trânsito, um movimento e uma bifurcação para Deleuze, estão relacionados a criação de tudo quando pensa no *Big Bang*, é o Z. Esse movimento refere-se ao raio, ao trajeto de uma mosca, ou ainda de uma abelha a zunzunar, em meio ao encontro de escritas com as filosofias da diferença.

Um disparador de escrita potencial...

Ao pensar no Z, o autor nos coloca a relação estabelecida dele com o raio e a criação de tudo, problematiza a relação entre universais e singularidades.

Imagem produzida pela pesquisadora a partir visita à exposição e da apropriação de imagem do trabalho do artista Tomaz Josué somada a interferências com colagem, lápis de cor, canetas e texto de aulas, 2018.



[...] entre dois potenciais, havia um fenômeno que ele definia pela ideia de um precursor sombrio. O precursor era o que relacionava os potenciais diferentes. E uma vez que o trajeto do precursor sombrio estava feito, os dois potenciais ficavam em estado de reação e, entre os dois, fulgurava o evento visível: o raio! [...] (DELEUZE; PARNET, 1988/1989, p. 93).

Com Deleuze e Parnet, percebo a interlocução entre as granulações, o Z e o raio... Visto que remetem à fricção, essa chispa do precursor sombrio. Este movimento que me interessa daquilo que foi possível nesta fricção, do que se produziu em meio aos trânsitos docentes e discentes.

Brincar... ar, rabiscar... ar, cortar...ar, sobrepor com as imagens capturadas por instantes ínfimos, produzir, potencializar os espaços, associá-las aos pensamentos transbordantes da professora que transita por entre territórios que instauram modos únicos de estar em meio a vida.

Rupturas que materializam intencionalidades, que fulguram tentativas de destituições de modelos e padrões estagnados em verdades absolutas. As imagens se apresentam como potência para violação de pensamentos , **COM**pondo junto aos escritos,

lecionando em/no caos

possíveis respiros distanciados das significâncias.

O **significante** apresenta uma força majoritária fabril, **coleccionando** iguais, mantendo padrões, **reduzindo** multiplicidades, formatando-os a **um mesmo** sentido.

O processo, esse entre que se dá em meio ao **CAOS**. Essa delimitação do **significante** me parece um fechamento, um estar pronto. Aposto na potencialidade do processo, no movimento possível do verbo em gerúndio, no **dever**.



*João do Rio que faz das palavras sua morada.
O Rio que carrega é como o pensamento
docente que incessantemente transcorre por
entre miudezas, restinhos de espantos e gritos
estridentes. Nas tentativas de tradução de
desejos escancarava a coletividade
ininterrupta da vida. Transcrevia em pequenas
letras, pontos e vírgulas a força de um
formigueiro em carreira.*

(fragmento do diário visual/textual da pesquisadora)

Algumas considerações



s conceitos, experiências, encontros, interlocuções aqui apresentados produziram um rizomar docente-pesquisadora composto em meio a uma escrita fragmentada por granulações produzidas nos trânsitos da pesquisadora. Nomeou-se tal método como artegrafar. Com ele foram inscritas linhas de forças que atravessaram a pesquisa, que contou com diferentes companhias para pensar uma docência que compõe-se por vazios, imagens, vozes, palavras, que entoou perguntas, apropriações, percursos que entrelaçaram-se e produziram-se junto aos contínuos por vires que povoaram aquele que escreve tanto quanto aquele que os lê.

Ao captar latências que deslizavam por entre rupturas e fissuras nas macropolíticas cotidianas, houve movimentos que se desligaram de sua potencialidade ao tornar-se regra ou molde para outros posicionamentos e ações de uma prática docente e/ou discente. Essa escrita se fez num entrelaçamento de experiências singulares, atravessadas por multiplicidades que povoaram espaços

de ação docente e discente que, enleadas às existências, criaram possibilidades de exercícios docentes com arte, produzindo aulas de arte que se manifestavam além do conteúdo programático exigido em planejamentos escolares, compartilhando produções de pensamentos com a arte e suas variações nos diversos momentos da história da humanidade e em diversas linguagens artísticas.

O exercício de produção de saberes e pensamento se deu em meio às experimentações de uma docência em artes que se constituiu ao pensar as relações de subjetividades junto a Guattari (2000), em que essa produção trata de um incessante movimento que se efetua nas trocas em meio ao campo social.

O método de pesquisa que rastejou por espaços distintos na investigação e no cotidiano, bebeu em fontes diferentes na ânsia de angariar e entrecruzar materialidades e impulsionar o pensamento e a arte junto a existência. Alguns clarões foram percebidos ao produzir desvios na pesquisa, ao experimentar as

recolhas e artegrafar composições imagéticas e textuais, que fragmentaram-se e deslizaram para outros espaços.

O método relacionou-se a compor mapas, que dispararam o pensamento ao propor outros arranjos, combinações de conceitos, imagens, experimentações em um rizomar incessante. Deste modo, algumas nuances dos movimentos que foram sendo pensados e experienciados a partir do menor em Deleuze e Guattari (2011) e educação menor de Gallo (2016) para que nos imbricamentos dos conceitos e das ideias algumas chispas saltassem e pudessem ser inscritas em vias de uma docência que se espraiava por entre as ações cotidianas da pesquisadora.

Propus um estudo que se compôs junto à produção do conhecimento, enlaçando docência, educação, filosofia, arte e vida, não almejando encontrar respostas definitivas e ou soluções para os espaços e problemas, mas, talvez, realizando algumas problematizações em meio à vida.

Pensei uma docência que rompesse com o

instaurado e propusesse outras andanças. Tais experimentações instilaram perceber e mover possibilidades e encontros com uma docência que ambulava entre espaços formativos e conversava com literatura, imagens da mídia, da escola, da cidade e de exposições de arte.

Houve momentos em que as rodas de conversas impeliram a articular discursos de verdades e ideias configuradas nas instituições acadêmicas e escolares, com exercícios flexíveis que se espraiavam por entre as ideias de uma educação distanciada das premissas consensuais e vigentes, abrindo fendas e criando outras possibilidades para a arte e as normas acadêmicas de suas produções. Nessas possibilidades a docência se manifestava de forma súpil, amparada pela criação.

Os exercícios com a literatura de João do Rio ocorreram por um certo encantamento e envolvimento pela história e pelo seu desenvolvimento, em cada investida do autor, novas relações eram experimentadas, o espaço temporal que se compôs junto à história disparou

sentidos, produziu saberes e gestos mínimos. Tais exercícios envolveram uma posição acerca dos enunciados e agenciamentos que foram produzidos no e com o texto.

Junto ao rizoma e a seus deslocamentos transversais, produziram-se alianças com uma docência em arte que pode friccionar algumas linhas criando certas granulações. Portanto, o que se fez relevante nesta investigação foram os trânsitos e os movimentos compartilhados, as interlocuções entre arte e escola e as parcerias coletivas que criaram imagens e conversas sobre uma docência em arte sem formato predefinido.

Uma docência em movimento, uma discenteprofessorapesquisadora em trânsito, uma pesquisa que por entre conceitos, arte, filosofia e educação dançou ao lado de formulações que poderiam enclausurar suas ações na macropolítica ou na micropolítica, porém entre saltos, pousos, vazios e silêncios seguiu traçando seus passos com as sutileza que lhe foi possível.

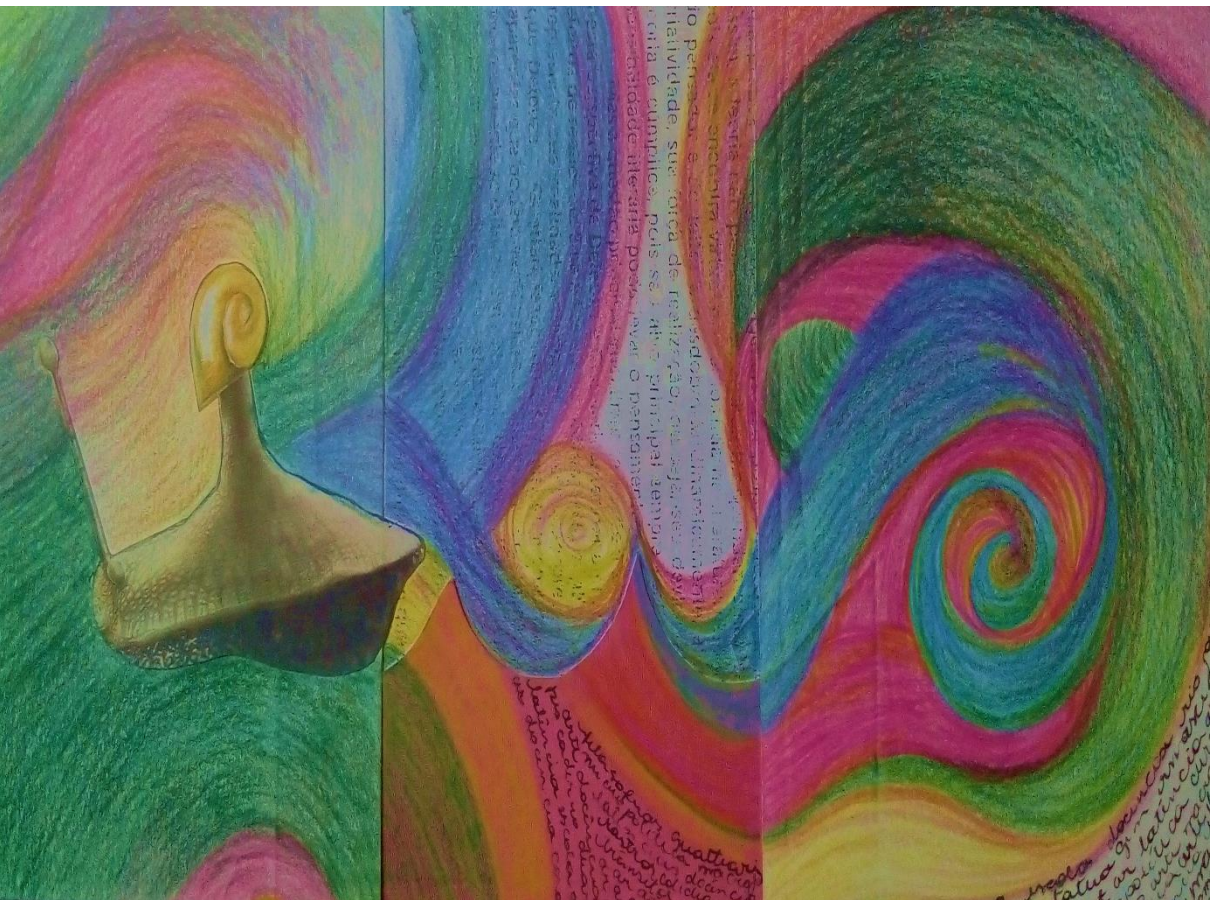


Imagem produzida pela pesquisadora a partir de experimentações de escrita, pintura e imagens recolhidas dos trânsitos cotidianos, 2019.

Durante o percurso deste estudo foram realizadas infinitas ações e inscrições em e com a arte... Uma docente-artista que produzia imagens, frases, balbuciava ideias, enquanto trilhava a passos curtos, os labirintos do cenário acadêmico e escolar...

Uma docência, que receosa de enclausurar-se em definições, rastejava entre pichações, filmes, grafites, rodas de conversas... Que em pequenas brechas, lançava mão de suas ideias, empunhando os escritos de Deleuze e Guattari e silenciava, tomando fôlego para seguir.

Tal docência não se interessou em despir-se ou modelar-se, pois formas significadas não lhe interessavam, não lhe provocavam ao ponto de com elas inventar proposições e exercícios. Seu interesse se deu pelo coletivo, por tudo que pode compor com os sujeitos que faziam parte do espaço escolar e acadêmico.

Neste sentido, o valor do coletivo tomou tal proporção, porque com ele foi possível experimentar outras grafias, balbuciar letras, novas palavras, criar formas...

No coletivo foi possível estabelecer novas relações, extrair e criar mesmo que provisoriamente algumas demarcações. A criação da docência se produziu arteira, artegrafadora, artegrafista coletivamente, com os sujeitos e grupos que lhe afetaram, com as fricções que lhe foram possíveis, com os exercícios de pensar a arte no deslocamento academicista para uma arte da rua, dos muros, das telas presentes nos *shoppings*, nos condomínios, nas feiras e casas familiares que visitava.

Uma docência que produziu interlocuções com as diferentes técnicas de arte, da pedagogia, da filosofia e do vivido em meio a adolescentes que impeliram suas ações aos diferentes espaços.

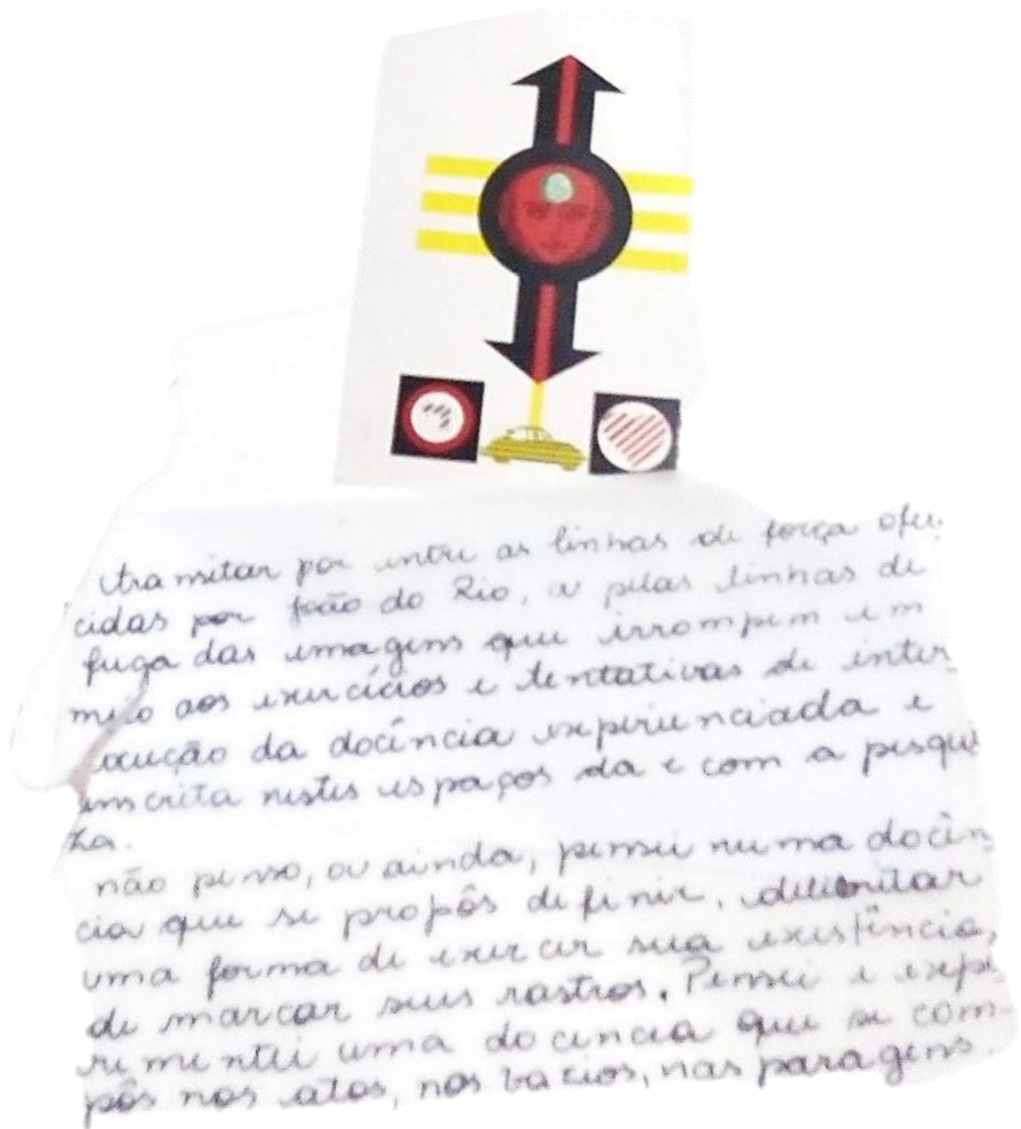


Imagem produzida pela pesquisadora a partir de experimentações de escrita com imagens recolhidas dos trânsitos cotidianos, 2019.

Referências

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Prefácio Leyla Perrone-Moisés. [Tradução Mario Laranjeira. Revisão Andréa Stahel M. da Silva]. 3ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. [Tradução J. Guinsburg]. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CARDONETTI, Vivien Kelling; OLIVEIRA, Marilda Oliveira. Diário de aula: disparador de problematizações e de possibilidades para pensar a formação de professores de artes visuais, In: Marilda Oliveira de Oliveira; Fernando Hernandez. (org.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. 1ed. Santa Maria, RS: UFSM, 2015, v.1, p. 51-74.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. [Tradução Antonio Piquet e Roberto Machado]. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. [Tradução. Luiz Orlandi e Roberto Machado]. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o Teatro: Um manifesto de menos; O esgotado**. [Tradução Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado]. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. [Tradução Peter Pál Pelbart]. 2ªed. 1ª reimp. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 [Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa]. 2ª reimp. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3 [Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik]. 1ª reimp. São Paulo: Ed. 34, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** [Tradução Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz]. 3ªed.; 2ª reimp. São Paulo: Ed. 34, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: Por uma literatura menor**. [Tradução Cintia Vieira da Silva; revisão da tradução Luiz B. L. Orlandi]. 1ªed.; 3ªreimp. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. [Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro]. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.

GALLO, Silvio. Cuidado, alteridade e diferença: desafios éticos para a educação. In. PAGNI, Pedro Angelo; BUENO, Sinésio Ferraz; GELAMO, Rodrigo Peloso (orgs.). **Biopolítica, arte de viver e educação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. (e-book)

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. 3ª ed.; 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. [Trad. Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Cláudia Leão] 1ª ed. 3ªreimp. São Paulo: Ed. 34, 2000.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12ª ed.; 2ª reimp. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

HARA, Tony. **Ensaio sobre a singularidade**. São Paulo: Intermeios; Londrina: Kan editora, 2012.

JOCHELAVICIUS, Geceoní Fátima Cantéli. **Poética do inutensílio e experiência : tramas de uma educação menor**. 2015. Dissertação [Mestrado em Educação] Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

KAFKA, Franz. **A metamorfose e o Veredicto**. [Tradução Marcelo Backes]. Porto Alegre: L&PM, 2016.

LARROSA, Jorge B. Desejo de realidade – experiência e alteridade na investigação educativa. IN: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter. **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p. 04-27, jul./dez. 2011.

MAIA, Rosenara S.S. Devir-criança: Encontros com a docência, experiência e aprendizagem. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2016.

OLIVEIRA, Marilda O. Como ‘produzir clarões’ nas pesquisas em educação?. **37ª Reunião Nacional da ANPED** – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis, SC.

PAOLLIELO, Juliana. O Devir-docência das “Pessoas Grandes”, Agenciado pelos Devires-Menores do Povo-Criança. 2016. Dissertação. [Mestrado em Educação] Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RIBETTO, Anelice. Pensar a formação de professores desde a experiência e desde o menor da formação. In: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, jul/dez. 2011 p. 109-119.

RIBETTO, Anelice. Experimentar a pesquisa em educação e ensaiar a sua escrita. 2009. Tese. [Doutorado em Educação] Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2009.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. 2ª edição, 4ª reimp. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2009.

SCHNEIDER, Daniela da Cruz. **VERTER A EDUCAÇÃO EM ARTE: potências do conceito de pedagogia menor para o Ensino de Artes Visuais**. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

SILVA, Tomaz T. (Org). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SGOBIN, Alessandro. Naus deleuzianas: em busca de práticas-de-aula-que-se-querem-rizoma. In: **Conexões: Deleuze e política e resistência e ...** (org. Silvio Gallo, Marcus Novaes, Laisa B. O. Guarienti). Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii; Campinas, SP: ALB; Brasília, DF: CAPES, 2013. p. 251-260.

Leis disponíveis em:

BRASIL. Código Civil. Disponível em:
[//www.planalto.gov.br/ccivil](http://www.planalto.gov.br/ccivil). Acesso: 05 mar. 2017.

Filmografia

COM Amor, Van Gogh. Direção de Dorota Kobiela, Hugh Welchman. EUA, Reino Unido: Europa Filmes, 2017.

EXIT Through the Gift Shop. Direção de Banksy. EUA, Reino Unido: Paranoide Pictures, 2010.